



TCC/UNICAMP
L628m
1290003879/FE

Universidade Estadual de Campinas
Faculdade de Educação

Lílian Carvalho Lima

O MEU PÉ DE LARANJA LIMA:
uma história que resiste ao tempo

Campinas
2008

UNICAMP - FE - BIBLIOTECA

TCC/UNICAMP

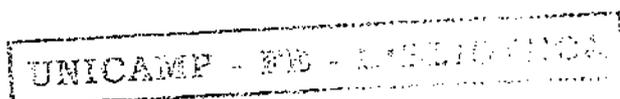
Universidade Estadual de Campinas
Faculdade de Educação

Lílian Carvalho Lima

**O MEU PÉ DE LARANJA LIMA:
uma história que resiste ao tempo**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)
apresentado como exigência parcial para a
conclusão do Curso de Pedagogia da Faculdade de
Educação da UNICAMP, sob orientação da Prof^a
Dr^a Norma Sandra de Almeida Ferreira

Campinas
2008



Cod tit 436418

UNIDADE:	FE
Nº CHAMADA:	ICC/UNICAMP
	L628m
V:	EX:
TOMSO:	3879
PROC.:	148109
C:	D: X
PREÇO:	11,00
DATA:	02/04/09
Nº CPD:	

**Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca
da Faculdade de Educação/UNICAMP**

L628m
Lima, Lilian Carvalho.
O meu pé de laranja lima : uma história que resiste ao tempo / Lilian
Carvalho Lima. -- Campinas, SP : [s.n.], 2008.

Orientador : Norma Sandra de Almeida Ferreira.
Trabalho de conclusão de curso (graduação) – Universidade Estadual de
Campinas, Faculdade de Educação.

1. Literatura infanto-juvenil. 2. Leitura. 3. Leitores- Formação. I. Ferreira,
Norma Sandra de Almeida. II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade
de Educação. III. Título.

08-545-BFE

AGRADECIMENTOS

A Deus que permitiu que eu terminasse essa pesquisa sentindo-me realizada pela conquista.

A minha família pela confiança e apoio em minha formação profissional e pessoal. Especialmente nos momentos de conclusão deste trabalho com todas as dificuldades que surgiram.

Ao Douglas pelo carinho, paciência e atenção.

A professora Norma pela dedicação e orientação exigente que foram determinantes para este trabalho e minha formação como profissional da educação.

As minhas amigas que sempre se puseram dispostas a ouvir minhas angústias e ajudar-me prontamente em tudo que se fez necessário.

Aos entrevistados pela disposição e confiança.

A todos que de alguma forma contribuíram para que esta pesquisa, das perguntas e projetos se tornasse esta realização.

Profª Drª Norma Sandra de Almeida Ferreira - Orientadora

Profª Drª Ana Lúcia Guedes Pinto

RESUMO:

Este trabalho investiga a aceitação da obra *O meu pé de laranja lima* de José Mauro de Vasconcelos. Busca conhecer como e por que determinada obra permanece, por um tempo longo em circulação, mesmo quando não tem seu reconhecimento da crítica literária.

Para tanto foi necessário conhecer a obra e seu autor, realizar pesquisa bibliográfica na busca de trabalhos de cunho acadêmico (artigos, dissertação, tese) que tomam *O meu pé de laranja lima* como estudo. Orientado pela pesquisa teórico-metodológico de *Análise de Conteúdo*, este trabalho é desenvolvido a partir da leitura e análise dos depoimentos dados por leitores da obra em questão.

Segundo Chartier (1999) um livro só existe quando se tem leitores para ela, um livro só sobrevive quando leitores dão novos e outros sentidos para ele. E um dos caminhos para acessar esses significados dados a uma mesma obra por diferentes leitores pode ser o deste trabalho, que é o de percorrer os indícios deixados em seus depoimentos sobre a leitura feita um dia.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO: Encontro com a pesquisa.....	08
2. O AUTOR E SUAS OBRAS.....	13
3. A OBRA.....	17
4. O MEU PÉ DE LARANJA LIMA, 29ª EDIÇÃO, 1978.....	24
4.1. Na capa da frente.....	24
4.2. A quarta capa.....	30
5. A PESQUISA.....	33
6. EM BUSCA DOS LEITORES.....	37
6.1. O que prende um leitor.....	37
6.2. Os leitores internautas.....	39
6.3. Os leitores de carne e osso: A metodologia da pesquisa.....	41
7. AS MARCAS DA LEITURA QUE FICARAM.....	47
7.1 Uma história real que ensina.....	47
7.2. Uma história de outra época... uma história que lembra.....	52
7.3. Uma história para refletir.....	54
7.4. Uma história pelo prazer de ler.....	57
8. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	62
9. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	65
10. ANEXOS.....	67

*“Ah! Tu, livro despretensioso,
que na sombra de uma
prateleira, uma criança
livremente descobriu, pelo
qual se encontrou e, sem
figuras, sem extravagância,
fê-la esquecer as horas, os
companheiros, a merenda...
tu, sim, és um livro infantil, e
o teu prestígio será na
verdade, imortal”*

Cecília Meireles

1. INTRODUÇÃO: ENCONTRO COM A PESQUISA

Desde muito jovem me interessei por leitura e livros. Em casa o ambiente leitor sempre foi incentivado principalmente por minha mãe.

De 2000 a 2003 fui aluna de magistério do CEFAM/Campinas e interessava-me muito por questões relacionadas à aquisição do prazer em ler. No extenso estágio que realizei para aquela formação sempre me envolvia nos projetos das escolas com leitura ou fazia atividades de incentivo para tal nas Intervenções que tínhamos que realizar como estagiários.

Em uma das escolas organizei uma biblioteca infantil com a ajuda de outra colega de estágio. Uma experiência riquíssima e prazerosa. Nela reencontrei livros que li na infância. Alguns que me marcaram em algum momento da vida, outros que me faziam lembrar acontecimentos e outros ainda que por serem desconhecidos, no momento me transportaram para outros mundos, no deleite da leitura.

Depois desta experiência vivi outra também muito relevante. A organização da biblioteca do CEFAM. Esta além de proporcionar muitas descobertas, foi momento fecundo de debates entre nós colegas, alunas de magistério, leitoras e interessadas em conhecer livros e leituras para compartilhar com nossos futuros alunos os prazeres e importância da leitura em nossa constituição de sujeitos.

Leitora de literatura infantil e infanto-juvenil pelo prazer e incentivada pela formação cheguei ao curso de pedagogia da Unicamp em 2005 com interesse em aprofundar-me neste tema. Já no primeiro ano do curso comecei a trabalhar em escolas. Em 2005, iniciei na educação infantil pela Prefeitura Municipal de Campinas, e

em 2006, pela Prefeitura de Valinhos. A partir de 2007 deixei a educação infantil para assumir cargo efetivo na Secretaria de Educação do Estado de São Paulo, na qual atuo até hoje como professora de educação básica, sempre buscando oferecer às crianças oportunidades de conhecerem diversas histórias.

Quando busquei orientação para meu Trabalho de Conclusão de Curso, todos estes fatores influenciaram na definição do tema, ainda amplo, precisando de mais especificidade. Foi quando a professora Norma me perguntou se conhecia o livro *O meu pé de laranja lima*. Eu o conhecia, ele compunha minha estante de livros. Mas conhecer a narrativa tornou-se pouco e a professora Norma sugeriu um estudo sobre esta obra. Inicia aí uma dúvida, pergunta, curiosidade, imprescindível para o início de uma pesquisa. Que tal pesquisar um pouco da história de um livro e seus leitores?

No entanto não conhecia sua história e após conversar com a professora Norma fui à procura de trabalhos e artigos sobre a obra. Teria esse livro sido objeto de estudo na academia? Teria despertado interesse de algum pesquisando?

Minha surpresa e decepção foi perceber que um livro que fora da minha mãe, que o lera na infância por indicação da professora e que, mais tarde, ao ganhar de uma amiga, guardara na estante de casa; um livro com uma história de centena de edições, que marcou gerações, que migrou para outras linguagens – cinema, telenovela e quadrinhos -, para outros países além do seu de origem, não tem a mesma extensão de reconhecimento na academia, poucos trabalhos o tomaram como tema de pesquisa.

Neste envolvimento com o livro, de cunho pessoal e acadêmico, coloquei as seguintes questões: 1- O que faz um livro sobreviver por longo período e em inúmeras edições? ; 2- Que aspectos compõem a obra *O meu pé de laranja lima*, que a tornam

atrativa até hoje? 3- O que há nesta obra que garante a sua presença em bibliotecas e livrarias até hoje?

Definidas as questões, orientadoras do trabalho, procurei reunir artigos que tratassem desta obra, colher depoimentos de leitores internautas e outros por mim encontrados e entrevistados, e estudar melhor as pesquisas de Chartier (1988) e Darnton (1990) especialmente sobre a história dos livros e da leitura.

Este trabalho foi organizado em 08 capítulos articulados pela busca dos motivos que levaram a obra *O meu pé de laranja lima* a sobreviver, mantendo sua aceitação com os leitores contemporâneos.

O primeiro capítulo traz um pouco sobre o autor e a repercussão de suas obras no Brasil. José Mauro de Vasconcelos (1920-1984) era carioca. Percorreu o país e muitos empregos. Suas obras são carregadas do conhecimento que adquiriu nestes lugares, um conhecimento não acadêmico. Ao contrário uma aprendizagem da vida simples do povo brasileiro que era matéria prima para seus livros, descrevendo a vida impiedosa de homens no garimpo, como exemplo de sua obra *Banana Brava* (1942) e as questões dos homens do sertão, em *Longe da minha terra* (1949), entre outras. Alguns depoimentos sobre a obra *O meu pé de laranja lima* (1968) são trazidos neste capítulo na tentativa de ilustrar um pouco a dimensão desta obra no Brasil e no mundo.

Um outro capítulo trata especificamente da obra, objeto de estudo deste trabalho, *O meu pé de laranja lima* (1968), o contexto histórico em que foi editada e as tendências da literatura no momento. Década de 60 e 70, anos de muitos movimentos jovens em protesto ao sistema econômico vigente e ao mesmo tempo grande melancolia resultado das duas Grandes Guerras e a Guerra Fria. Ao mesmo tempo uma

explosão na produção literária infantil, especialmente no Brasil, assume a tendência política vivida no período com características de contestação também aos governos autoritários que tomam o poder no país e América Latina. José Mauro acompanha os movimentos históricos e de produção literária? O que há em sua obra que garante sua receptividade?

O capítulo denominado *O meu pé de laranja lima* edição de 1978, é o que tomamos como referência para este estudo. Nele apresento o enredo do livro e o projeto editorial desta edição, aos leitores do meu trabalho. É a história de um menino de família numerosa e pobre, muito sensível e criativo. Apesar de toda fantasia do garoto, toda a narração tem características reais, de uma vida infantil cheia de descobertas e aprendizagens as vezes, muito doloridas.

O quinto capítulo trata da pesquisa, sua justificativa e alguns comentários de trabalhos que trazem o livro pesquisado.

O 6º capítulo – *Em busca dos leitores* – traz as entrevistas, em forma de depoimentos e conversas informais sobre a leitura do livro. Por que leram *O meu pé de laranja lima*, o que tem a dizer da obra, indicariam este livro para alguém, para quem e por quê, foram as questões colocadas. As entrevistas foram transcritas e estão nos anexos no final do trabalho, tiveram como objetivo procurar indícios dos aspectos da obra que foram relevantes para sua aceitação e indicação.

Trabalhadas cuidadosamente procurando dar destaque e interpretação, utilizando também os procedimentos metodológicos *análise de conteúdo* (FRANCO, 2005).

A análise é apresentada no capítulo sétimo pela iniciação e identificação de algumas categorias temáticas elaboradas a partir de aspectos da leitura. Tais aspectos foram lidos como vestígios que permitem interpretar os sentidos que a obra *O meu pé de laranja lima* tomou para cada leitor.

Ora para aprender, para ensinar, ora para lembrar, refletir ou ainda para deleitar-se com uma leitura que frui, esta obra ganha seu valor na aceitação do público, que encontra nas linhas da história do pequeno Zezé, razões íntimas e particulares, ou então, profissionais para mantê-la viva e apreciada. Para além dos critérios de análise da crítica literária brasileira da década de 60, que com critérios dados como objetivos busca o valor legitimado de uma obra, *O meu pé de laranja lima* permanece atual porque seus leitores lhe dão sentidos. Para eles *O meu pé de laranja lima* é uma história que merece sobreviver ao tempo, apesar de não considerada pela crítica literária. É uma obra importante de ser indicada a novas gerações.

2. O AUTOR E SUAS OBRAS

José Mauro de Vasconcelos (1920-1984) nasceu no Rio de Janeiro. Filho de família numerosa e muito pobre teve que viver com uns tios no Rio grande do Norte, cresceu em Natal. Ainda em Natal fez dois anos de medicina.

Com pouca bagagem voltou ao Rio em um caminhão cargueiro, trabalhou como treinador de peso-pena vivendo na simplicidade. Virou estátua em 1941, no monumento à juventude do jardim do Ministério da Educação, no Rio de Janeiro. Foi também modelo e acabou esculpido por Bruno Giorgi (1905-1993).

Foi carregador de bananas ainda no Rio e garçom em São Paulo. José Mauro percorreu o país e empregos diversos. Teve também uma experiência no exterior, uma bolsa na Espanha, onde preferiu viajar a países Europeus. De volta ao Brasil explorou a região do Araguaia junto aos irmãos Villas-Boas, lutando pelos índios e conhecendo um ambiente hostil.

Sua maior característica é a vida intensa que buscava dos lugares que percorria e descrevia em seus livros. Sua ampla produção espelha a vida impiedosa dos homens do garimpo com *Banana Brava*, de 1942. *Barro Branco*, em 1945. *Longe da terra* (1949), marcado pela volta do escritor ao sertão, relatando com simplicidade a embriagues da terra. Os depoimentos escritos na "orelha", no final do livro *O meu pé de laranja lima*, edição de 1978, expressam os sentidos dados pela crítica à sua obra. Como a de Leonardo Arroyo:

Em *...Longe da terra* focaliza José Mauro de Vasconcelos, em estilo simples e convincente, o drama do homem civilizado que, aos poucos, se deixa envolver pelo primitivismo numa região onde a natureza domina e esmaga os seres humanos.

Depois vieram *Vazante* (1951), *Arara vermelha* (1953) e *Arraia* (1955).

Obras que trazem personagens e lugares distintos de sua peregrinação pelo país e as descobertas de um Brasil e seu povo que se encontram longe da imprensa e dos interesses políticos de seus governantes. São personagens que extrapolam a visão nacionalista, regionalista para ganharem dimensão humana:

Arara Vermelha e Arraia de fogo: Zé Mauro é um exemplo para nossos romancistas: exemplo de humildade e respeito. Suas personagens e seus cenários não são joguetes e arranjos; são maiores do que o homem que escreve. (Antônio D'Elia)

Rosinha, minha canoa (1962), com o personagem Zé Orocó, um homem simples que navega pelas águas do rio Araguaia com sua canoa Rosinha, foi um livro que marcou seu sucesso na literatura, sucesso de edição, considerado uma grande história nacional.

Rosinha, Minha canoa: ...é sem dúvida uma das mais surpreendentes e encantadoras obras da moderna ficção brasileira. (Hélio Simões, idem)

Com *Rosinha, Minha canoa*, José Mauro nos deu um dos mais deliciosos poemas líricos da terra... (Menotti del Picchia, A gazeta, 4-6-63)

Alguns de seus livros misturam ficção e biografia. *Doidão* (1963), por exemplo, é a própria adolescência do escritor, que rememora em forma de romance, fatos de sua vida passados em Natal (RN).

Além destas amplas diferenças entre os personagens e lugares, José Mauro também diversifica bastante os tipos de texto, variando entre romance, drama e até fábulas, *O garanhão das praias* (1964), por exemplo, apresenta-se com característica

dramática, bastante diferente de *Coração de vidro* (1964), um livro de fábulas em que os animais ganham dimensão humana e lírica.

Em 1966 *As confissões do Frei Abóbora* causa polêmica pela crítica à instituição religiosa e antecedeu o grande sucesso do autor, *O meu pé de laranja lima* (1968), que foi ainda sucedido por uma ampla quantidade de livros que continuaram em busca de afinidade com o público a partir do que o autor chama de simplicidade e linguagem regional, confirmando seu sucesso com os leitores. Assim vieram ainda: *Rua descalça* (1969), *Palácio japonês* (1969), *Farinha órfã* (1970), *Chuva crioula* (1972), *O veleiro de cristal* (1973), *Vamos aquecer o sol* (1974), que é uma continuação de *O meu pé de laranja lima* e *A ceia* (1975).

De todas essas obras *Vazantes*, *Arara vermelha*, *Rua descalça*, *As confissões do Frei Abóbora* e *O meu pé de laranja lima* foram filmados.

O autor reconhecia o sucesso de sua obra no Brasil e no mundo. O livro *Rosinha, minha canoa* era utilizado em curso de Português na Sorbonne, em Paris, conforme ele relata nas páginas finais (192) de *O meu pé de laranja lima* (1978).

A característica de empenho e dedicação de Vasconcelos às suas diversificadas obras espelha-se também em sua vida intensa. Além de escritor e das profissões que exerceu, descritas anteriormente, foi ainda artista plástico, ator de teatro e televisão. Atuou como coadjuvante em “Carteira Modelo 19” e como ator em “A Ilha”, “Mulheres e Milhões”, “Fronteira do Inferno”, “Floradas da Serra” e “Canto do Mar”. Neste último também escreveu o roteiro.

José Mauro explica a característica de seus livros, em depoimento encontrado em *O meu pé de laranja lima* (1978):

O que atrai meu público deve ser minha simplicidade, o que eu acho que seja simplicidade. A minha linguagem regional está numa atitude compreensiva. Os meus personagens falam linguagem regional. O povo é simples como eu. Como já disse, não tenho nada da aparência de escritor. É a minha personalidade que está se expressando na literatura, o meu próprio "eu".

Autores e editores escrevem e produzem livros orientados por representações de leitores a que se destinam. O próprio Vasconcelos afirma que suas criações são elaboradas tendo em vista os leitores que pretende alcançar. No depoimento citado anteriormente, ele relata que escreveu em linguagem regional, adequando sua intenção com o sentido que quis dar a história e também provocando e procurando atrair seus leitores.

...Com efeito, todo autor, todo escrito impõe uma ordem, uma postura, uma atitude de leitura. Que seja explicitamente afirmada pelo escritor ou produzida mecanicamente pela maquinaria do texto, inscrita na letra da obra como também nos dispositivos de sua impressão, o protocolo de leitura define quais devem ser a interpretação correta e o uso adequado do texto, ao mesmo tempo em que esboça seu leitor ideal. Deste último, autores e editores tem sempre uma clara representação: são as competências que supõe nele que ajudam seu trabalho de edição... (CHARTIER, 2001, 20)

José Mauro de Vasconcelos ganhou notoriedade e sucesso não só no Brasil, mas em nota editorial, da edição de 1978 estudada neste trabalho encontramos mais um indício do prestígio que este autor alcança com suas obras:

Recentemente (edição de 1978) o escritor José Mauro de Vasconcelos assinou contrato de exclusividade com a editora "El Ateneo" de Buenos Aires, tornando-se portanto um dos poucos escritores internacionais a ter todas as suas obras traduzidas em espanhol.

3. A OBRA

O meu pé de laranja lima, talvez o maior sucesso do autor, foi publicado em 1968, ano de uma década marcada na história como *Os anos rebeldes*, devido à grande movimento jovem de repercussão mundial, em protesto ao sistema econômico favorável a uma minoria e aos sentimentos de melancolia gerados pelas guerras decorrentes deste mesmo sistema.

Depois das duas Grandes Guerras, a Guerra Fria e as independências (descolonização) no terceiro mundo (Ásia e África), vieram a reconstrução da Europa e os países atingidos diretamente com os combates. O Brasil além de um incentivo no comércio, provocado pelas guerras, passa a viver momentos de agudo nacionalismo, mas também de melancolia, devido as guerras.

A década de 50, com governo de Juscelino Kubitschek, a promessa em fazer o Brasil progredir cinquenta anos em cinco, a campanha "O petróleo é nosso", que buscava a proibição da extração por empresas estrangeiras do petróleo brasileiro e que em 1953 cria-se a Petrobrás, contribuem a essa exacerbação do nacionalismo e desenvolvimento.

Países americanos também vivem momentos efervescentes de nacionalismo com muitas revoluções no México e em Cuba.

Toda essa movimentação gerou golpes militares em vários países orientados pela idéia de que somente a ordem traria o progresso aos países do terceiro mundo. Foi uma década movimentada, onde grande parte dos jovens lutava por direitos às minorias (o feminismo, o movimento negro...) e pediam um mundo melhor, reflexo da

melancolia trazida pelas perdas humanas nos confrontos das guerras e a crueldade de países potentes economicamente sobre os ditos países subdesenvolvidos. Tecnologia, guerrilha, viagens à lua, televisão, computadores, feminismo, o mundo parecia querer mudar.

1968 foi o ano mais tumultuado desta década. Ano em que estudantes de todo o mundo saíram às ruas contra o *establishment* (sistema) em passeatas de protesto contra as autoridades. A maior das revoltas ocorreu em Paris, e foi combatida brutalmente com a polícia. As frases nos cartazes e muros diziam: "É proibido proibir"; "Sejamos realistas, exijamos o impossível". A moda e a cultura foram bombardeadas de palavras como: alienação, repressão, conscientização, liberação.

Toda essa efervescência foi combatida cruelmente pelos governos militares, que no Brasil tomou posse em 1964.

De fato, o Brasil que crescia nos anos 50, começou a década de 60 em alta. [...] Mas a economia tinha sido forçada demais, e o desenvolvimento acelerado cobrava o preço: inflação, restrição de crédito, agitação urbana e reivindicações no campo e na cidade. O governo tinha dificuldades para lidar com isso, e acabou perdendo a credibilidade entre as classes dominantes. A desconfiança gerou desejo de mudar de governantes, o que é legítimo; mas isso aconteceu da pior forma possível o Exército tomou frente e responsabilizou-se por um golpe de Estado, derrubando o presidente então no poder e colocando outro no lugar, um general fardado. (ZILBERMAN, 2005, p. 45-46)

Toda a repressão e autoritarismo do governo, no Brasil, tiveram auge em 1968 com a promulgação do AI-5, que proibia o que fosse contrário ao regime, com determinação de terríveis punições aos "desobedientes". Os fatos atingiram a cultura. Muitos artistas resistiram algum tempo, mas depois tiveram que fugir para continuarem vivendo.

A literatura não escapou da repressão, no entanto, sofreu menos. E a literatura infantil que talvez por não ser vista, não era lembrada, pôde se apresentar como uma dessas válvulas de escape, por onde os produtores culturais - escritores, ilustradores, artistas em geral - tiveram condições de manifestar idéias libertárias e conquistar leitores. (idem, p.46)

Do final da década de 60 e década de 70, há grande explosão na publicação de livros infantis com autores nacionais, que trazem histórias com características de contestação. *A fada que tinha idéias*, de Fernanda Lopes Almeida, publicado em 1971, por exemplo, é a história de uma fadinha criativa que não aceita as idéias prontas do Livro das Fadas e ainda *O reizinho mandão* (1978) de Ruth Rocha, que de uma alegoria aos anos 70, Ruth Rocha trás um regime autoritário que calava a oposição. Depois deste livro, muitos outros da última autora têm esta tendência à contestação: *O rei que não sabia nada* (1979), *A volta do reizinho mandão* (1982). No teatro, temos ainda Chico Buarque de Holanda com *Os Saltimbancos* (1970), entre outros.

Toda esta tendência na literatura e cultura, não parece ter sido a assumida pelo autor pesquisado neste trabalho, que também não traz apoio ao regime do período.

Vasconcelos representa um Brasil de sua época, nacionalista, marcado pelo desenvolvimento acelerado. Reporta-se ao desenvolvimento com as descrições, por exemplo, do trem, que na época é símbolo do desenvolvimento, e ainda apresenta as desigualdades que todo este acelerado desenvolvimento econômico capitalista causa a população mais carente, já que a família de Zezé – protagonista de *O meu pé de laranja lima* - sofre diretamente o enfrentamento da pobreza.

Porém o foco do autor não está em provocar a reflexão no leitor para com o sistema e isso pode ter influenciado bastante na análise que a crítica literária fez ao

texto no período. Não busca a leitura denunciativa do sistema, não faz ou não pretende ser reconhecido como autor de literatura engajado.

O sucesso da obra trouxe a José Mauro grande repercussão na aceitação do público, além dos motivos que podem ser muito variáveis como trataremos nesta pesquisa. No entanto Polzonoff Júnior, em artigo intitulado *O elogio à pieguice*, disponibilizado na internet e datado de dezembro de 2003 revela os olhos como a crítica literária tem, na época em relação ao livro: “é piegas e inferior a Monteiro Lobato”. Segundo o mesmo autor essa consideração se esquece de levar em conta a subjetividade. Continua Polzonoff:

José Mauro de Vasconcelos não rezou pela cartilha. Como também não deve ter rezado os milhões de leitores de *O meu pé de Laranja Lima*, que buscaram na história de Zezé um pouco de dor mais palpável e que me perdoem a sinceridade, mais importante do que aquela dor que era cantada nas ruas. Sorte deles.

Para Polzonoff, a dor política dos finais dos anos 60 era tão importante quanto à dor de crianças marcadas pela desigualdade social e econômica. Para o autor, a obra é importante porque ela se distancia e se diferencia de uma imposição ideológica - cartilha.

O meu pé de Laranja Lima, é a história de um menino de seis anos, chamado Zezé. Menino muito inteligente, sensível, de família numerosa e pobre, vive aprontando travessuras. É muito reprimido pelos adultos e busca em coisas simples um refúgio às coisas ruins que vivencia. Tem na amizade com um pé laranja lima, momentos de desabafo e muitos devaneios. Mais tarde tem uma amizade muito fecunda com um português, do qual gosta muito e também se torna seu confessor. A história o tempo todo mostra os ganhos e perdas que o personagem tem durante a vida.

O enredo simples do menino carioca conquista leitores do Brasil e do mundo. As traduções saíram à Áustria, Alemanha, Estados Unidos, Inglaterra, Itália, Holanda, Argentina, França e Coréia.

Entre os textos que acompanham esta edição de *O meu pé de laranja lima*, um fragmento de uma matéria do jornal *O Globo*, de 24/08/1970, disposto na orelha do livro destaca que:

No caderno literário semanal do "The New York Times", uma crítica muito favorável à versão norte-americana de "O meu pé de laranja lima", de José Mauro de Vasconcelos. Edgar H. Miller Jr. meteu em inglês "My Sweet Orange Tree", com selo de Alfred Knopf, Inc., Nova York. O "Books Review" assinala que o livro está na linha dos melhores livros sentimentais norte-americanos.

O depoimento de Menotti del Picchia é um outro texto que também revela a importância desta obra no cenário editorial:

Certa vez disse a você (José Mauro) que *Rosinha*, *Minha canoa* seria seu *Juca Mulato* – isto é – obra que absorve e tiraniza um autor absorvendo as demais que ele criasse. Errei no prognóstico. Seu *Pé de laranja lima* brotou com tanta seiva lírica que suplantou, como um jequitibá, a árvore na qual foi esculpida a canoa encantada. (Del Picchia)

Esses textos que podem ser lidos nas orelhas do livro revelam a repercussão da obra e apresentam-na aos leitores contemporâneos pelos aspectos que lhe deram notoriedade. Mas o livro adentra a escola brasileira, levado pelos professores aos alunos não só pelos sentimentos que provoca e sim pela importância como obra. Os educadores o elegem como literatura necessária, como escrita por um grande autor nacional, dando-lhe a dimensão de um clássico.

Li por causa da escola, mas gostei muito... Essa história da pobreza, os sentimentos do menino com relação ao mundo adulto... me emocionaram... (A*- leitora da obra entrevistada para este trabalho)

Li para fazer um resumo, quando fazia magistério uma professora do curso que indicou dizendo ser um clássico da literatura. (V- entrevistada)

Pelo trabalho da professora de Português. Para conhecer José Mauro de Vasconcelos que na época despontava como escritor... (S- entrevistada)

Em consulta a sites específicos e destinados a professores na internet, é possível identificar depoimentos que destacam a presença da obra em escolas fora do nosso país:

Uno de los grandes escritores brasileños
Mi planta de Naranja Lima, se recomienda para trabajar en las escuelas, in literatura juvenil. (site argentino para professores, www.educar.org)

Selecionada como representativa da boa literatura juvenil, a obra é recomendada para ser trabalhada nas escolas até hoje, o que mostra a atualidade de sua recepção junto aos leitores.

Com o grande número de vendas a obra atinge o *status* de *best-seller* e é adaptada pela antiga Tupi entre novembro de 1970 e agosto de 1971 e pela TV Bandeirante entre setembro de 1980 e abril de 1981, como telenovela.

Também foi editado em filme (1970), migrando para outras linguagens, deste modo atendendo a diferentes leitores e espectadores.

* Neste trabalho, optamos, em comum acordo com os entrevistados, por identificá-los apenas pelas iniciais de seus nomes. As entrevistas na íntegra encontram-se em anexo.

Na WIKIPEDIA, biblioteca digital na internet, encontra-se descrita sua nova edição em quadrinhos, o que representa outra forma de apresentação da obra para os leitores.

4. O MEU PÉ DE LARANJA LIMA, 29ª EDIÇÃO, 1978

A obra no Brasil encontra-se em sua 112ª edição de junho 2008. Nem sempre as edições foram criadas no mesmo projeto editorial. Em uma análise pela história das edições pode se perceber que em algumas o projeto gráfico foi alterado, principalmente a capa da frente e quarta capa. Alterações provocadas provavelmente pela busca de novos e mais leitores, para dar uma aparência de oferta de um produto novo.

A edição que tenho em mãos para esta pesquisa é a 29ª, de 1978, e apresenta o menino Zezé ao centro desenhado em estilo de pintura com nanquim com os pés (plantados), libertando "seu passarinho" do peito.

Zezé está com uma expressão harmoniosa como se estivesse contente com o que faz, está de gravata de laço, que é um grande sonho do protagonista.



4.1 NA CAPA DA FRENTE

O pássaro, libertado pelo menino, está iluminado e atrás dele aparece uma nuvem, como se o pássaro cheio de luz, voasse para a nuvem. A nuvem penetra a cabeça do personagem dando a idéia que o menino tem a "cabeça nas nuvens".

Além do pássaro aparece ainda um morcego. No interior da história, o morcego é um animal com que o menino brinca.

Na capa, o morcego como a sair da cabeça do menino, sugere ao leite ser fruto da imaginação da criança. E uma locomotiva, transporte muito importante bastante utilizado ainda nas cidades do interior, na década de 60, pode indicar certa importância que ela vai indicar no desenvolver da história.

O pé de laranja de laranja lima está no centro da capa. Próximo da criança, pequeno com poucas folhas e sem fruto, seus poucos galhos se abrem para cima como se estivessem crescendo. A ilustração na perspectiva de cima para baixo alonga as folhas e dá a imagem uma ideia de crescimento desenvolvimento. Da árvore? Da criança?

Todos esses objetos, bichos e criança - pássaro, morcego, trem, árvore, menino - são elementos importantes no desenvolvimento da história. Todos inscritos em uma capa de cor vermelha, uma cor quente que remete a sentimentos bem fortes, tanto na dor como no amor.

O passarinho da capa é uma metáfora belíssima em que o autor faz um jogo de sentidos entre a realidade para a criança e fantasia para os adultos, dos sentimentos e pensamentos do menino. O menino reconhece este bichinho como um verdadeiro pássaro que o faz cantar "para dentro de si", durante o desenvolver da história.

Esta fiel maneira de representar como a criança explica algo que ainda não pode entender é um dos jogos do autor que provavelmente sensibiliza o leitor frente à criança, remetendo-o a infância, à singeleza do fato. Um trecho do livro, conta em palavras, a imagem estampada na capa. É a partir deste momento em que o

protagonista começa a contar o que acontece dentro dele e vai buscando entender o que são as coisas que sente e faz sem falar ou agir.

- Que é que você tem Zezé?
 - Nada. Tava cantando.
 - Cantando?
 - É.
 - Então eu devo estar ficando surdo.
- Será que ele não sabia que se podia cantar para dentro? Fiquei calado. Se não sabia eu não ensinava. (VASCONCELOS, 1978, p13)

Outro trecho também se liga à ilustração da capa, que é um dos primeiros acontecimentos marcantes do livro, quando o menino vai com o irmão, depois de muito custo a convencer a irmã mais velha de deixar, buscar o único presente de natal que poderiam ter numa praça onde entregavam presentes às crianças carentes. Mas chegam tarde demais... O menino novamente menciona o pássaro:

- Meu peito explodiu numa mágoa enorme.
- Juro que vou comprar. (promessa ao irmão Luiz) Nem que tenha de matar e roubar...
 - Por dentro não era meu passarinho que comentava aquilo. Devia ser o coração. (idem, p.46)

Trechos como esses, em que o narrador - personagem conversa com seu "pássaro" mostram como a estratégia editorial usa a intenção de destacar já na capa aspectos importantes que serão desenvolvidos na história.

Junto à descrição do natal e da pobre ceia da família o menino descreve o sofrimento de cada irmão, de seu pai desempregado e sofre junto deles. Ele não entende direito o que é este "passarinho", dentro dele e esses sentimentos. Por isso um dia vai à casa de um velho tio, que ele admira muito por considerá-lo inteligente. Este é

um dos poucos que dá ouvidos ao que o menino fala. Ele pergunta ao tio sobre esse "passarinho", que começa a causar-lhe dúvidas:

- Eu queria saber uma coisa muito importante. O senhor é capaz de cantar sem estar cantando?

- Não estou entendendo bem.
- Assim - e cantei uma estrofe da Casinha Pequeninina.
- Mas você está cantando, não está?
- Pois aí é que está. Eu posso fazer tudo isso por dentro sem cantar por fora.
- Ele riu da singeleza mas não sabia onde eu queria chegar.
- Olhe Titio, quando eu era pequenininho eu achava que tinha um passarinho aqui dentro e que cantava. Era ele que cantava.
- Pois então. É uma maravilha que você tenha um passarinho assim.
- O senhor não entendeu. É que agora eu ando meio desconfiado com o passarinho. E quando eu falo e vejo por dentro?

Ele entendeu e riu da minha confusão.

- Vou explicar para você, Zezé. Sabe o que é isso? Isso significa que você está crescendo. E crescendo, essa coisa que você diz que fala e vê, chama-se o pensamento. O pensamento é que faz aquilo que uma vez eu disse que você teria logo...
- A idade da razão?
- Bom que você se lembre. Então acontece uma maravilha. O pensamento cresce, cresce e toma conta de toda a nossa cabeça e nosso coração. Vive em nossos olhos e em tudo que é pedaço da vida da gente.
- Sei. E o passarinho?
- O passarinho foi feito por Deus para ajudar as criancinhas a descobrirem as coisas. Depois então quando o menino não precisa mais, ele devolve o passarinho a Deus. E Deus coloca ele em outro menininho inteligente como você. Não é bonito?...(idem, p.67-68)

Deste modo, no texto o passarinho ganha uma dimensão simbólica: o de ser um companheiro sensível que ajuda as crianças pequenas em seus momentos difíceis.

Quando a "fantasia" do menino com o passarinho já não se sustenta mais e ele precisa de explicações sobre o que está acontecendo, seu tio com calma e sensibilidade, reconhece o que acontece com o menino e lhe explica o que está acontecendo, não deixando que a fantasia se desfaça totalmente. O tio de Zezé lhe

ensina muitas coisas, sempre que o personagem tem uma dúvida ou curiosidade, pergunta a esse tio, que explica com bastante racionalidade, mas que o menino adora.

O pássaro é um elemento da imaginação que marcará o ritual de crescimento do personagem principal. Tais quais outros elementos simbólicos, como por exemplo, *A bolsa amarela* de Lygia Bojunga (1976), onde Raquel, a protagonista, também conversa com várias coisas, construindo amizades imaginárias que são como seus pensamentos e guarda tudo numa bolsa amarela, que ganhou de uma tia. Aos poucos esses amigos vão fazendo a menina ver coisas de outras maneiras e depois vão saindo da sua vida e a menina perdendo mais as angústias que tinha, numa metáfora do crescimento.

„*A Bolsa Amarela*, comporta essa inovação: são as inseguranças e temores de Raquel que sobem para o primeiro plano, traduzidos por essas palavras e, pelos objetos que a menina, compulsivamente, carrega consigo, dentro da bolsa do título da obra. É como se Lygia apontasse ser possível desvendar o universo interior da criança por esse ter um conteúdo próprio, com imagens e aspirações, impossíveis de serem simplesmente reduzidas a noções de psicologia infantil ou de psicanálise (ZILBERMAN, 2005, p.134)

No *O meu pé de laranja lima*, depois de pensar sobre o que o tio lhe explicara o menino lembra-se de uma cena de seu irmão mais velho, e as duas coisas, a idade da razão e o fato ocorrido com o irmão, o fazem "soltar seu passarinho":

Xururuca, vim fazer uma coisa.

- O que é?
- Vamos esperar um pouco?
- Vamos.

Sentei e encostei minha cabeça no seu tronquinho.

- Que é que nós vamos esperar Zezé?
- Que passe uma nuvem bem bonita no céu
- Pra quê?
- Vou soltar meu passarinho.
- Vou, sim. Não preciso mais dele...

Ficamos olhando o céu.

[...]

- É aquela Minguinho.

Levantei emocionado e abri a camisa. Senti que ele ia saindo do meu peito magro.

- Voa meu passarinho. Bem alto. Vá subindo e pouse no dedo de Deus. Deus vai levar você para outro menininho e você vai cantar bonito como sempre cantou para mim. Adeus, meu passarinho lindo!

[...]

- Fica feio se eu chorar?

- Nunca é feio chorar, bobo. Por quê?

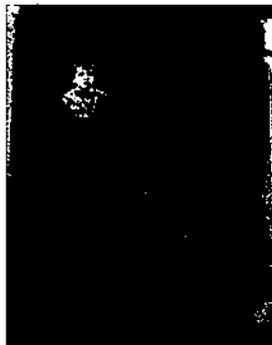
- Não sei, ainda não me acostumei. Parece que aqui dentro a minha gaiola ficou vazia demais... (idem, p.67-69)

Esta passagem, como todas as outras em que o passarinho ganha centralidade se liga à parte da ilustração da capa da edição de *O meu pé de laranja lima*, da qual analiso. O menino solta seu passarinho com bondade e intenção, mas ainda sente falta dele. Esta pode ser outra metáfora de José Mauro, quanto ao crescer e amadurecer. Não é possível um dia acordar adulto e racional. Aprende-se a sê-lo e esta aprendizagem pode demorar um pouco, vir seguida de tristezas e alegrias. Se o pássaro é libertado, o pé de laranja lima continua sendo o companheiro do menino durante tal enredo. O pássaro ganha uma dimensão simbólica a situação de crescimento, uma vez crescido, não é mais possível voltar a ser criança.

A ilustração da capa de *O meu pé de laranja lima*, traz ainda o quintal como espaço da meninada, das brincadeiras, das invenções, encontro de amiguinhos. A referência ao quintal, também pode estar ligada à uma infância que cresce em casas térreas, com espaço para brincar, típicas nos finais do século XX, em determinadas regiões brasileiras.

A capa é a primeira impressão da história, o que "chama" o leitor para seu enredo. É bastante provável que, mesmo inconscientemente, os leitores sejam atraídos ao texto por ela. Por outro lado, depois de lida a história, a capa pode suscitar

lembranças e desejos de revê-la, observá-la, estudá-la, tocados por tudo o que ela remete da história.



4.2 A QUARTA CAPA

A presença de uma foto, na quarta capa também apresenta um jogo de sentidos em relação à primeira capa. Ali realidade e fantasia se misturam. Apresenta-se o autor - ainda menino, bem arrumado com uma gravata de laço - em pose para a foto.

Abaixo uma fala retirada do interior da história, na página 76 (1978), em que ele revela o desejo de um dia poder comprar uma gravata de laço e virar poeta:

"E foi assim que eu ganhei a minha roupa de poeta. E eu fiquei lindo..."

Todo este trabalho editorial vem arrematando ou deslanchando a imaginação do leitor para o que encontrará no livro.

...todo leitor diante de uma obra a recebe em um momento, uma circunstância, uma forma específica e, mesmo quando não tem consciência disso, o investimento afetivo ou intelectual que ele nela deposita está ligado a este objeto e a esta circunstância. Vemos, portanto que, de um lado, há um processo de desmaterialização que cria uma categoria

abstrata de valor e validade transcendentais que são diretamente ligadas à situação do leitor e ao objeto no qual o texto é lido. (CHARTIER, 1999, p.70-1)

O livro tem uma materialidade, uma representação que não é neutra e sim repleta de intenção. A intenção primeira da capa, pode ser sua chamada para compra ou leitura do livro e a segunda remeter um pouco da história, como no caso de *O meu pé de laranja lima*. Esta capa não problematiza ou apresenta de forma abstrata o livro. Ao contrário ela praticamente ilustra o que o leitor poderá encontrar nele: o personagem e sua relação com o mundo (pássaro, árvore, locomotiva...), trazendo este último em um determinado modo de ser e em determinada época.

A capa orienta sentidos de interpretação da história ao leitor. Bem cuidada, planejada em um projeto editorial ela intenciona provocar o leitor, como traz Chartier (1988):

...a imagem, no frontispício ou na página do título, na orla do texto ou na sua última página, classifica o texto, sugere uma leitura, constrói um significado. Ela é protocolo de leitura, indicio identificador. (133)

Enquanto projeto editorial a ser lançado em um mercado bastante competitivo, o editor busca conciliar a representação que ele tem de seu público provocando-o em seus interesses de leitura e de entendimento.

É ele (o editor) quem se encarrega de reunir o conjunto das seleções que devem ser feitas para publicar um livro: escolha do texto, escolha do formato, escolha de um certo sentido de um mercado por meio da publicidade e da difusão, o que significa que o editor desempenha um papel central para unificar todos os processos que fazem um texto um livro. (CHARTIER, 2001, p.50)

O meu pé de laranja lima nesta edição (1978), com estas capas, sugere sentidos ao leitor. Considerar a edição de um livro é considerar a trajetória que vai do texto ao leitor, já que é o momento em que o texto se torna objeto material e encontra seus leitores previstos pelo editor.

5. A PESQUISA

Um livro que tem uma história de edições, que marcou gerações, que migrou para outras linguagens (TV, cinema*, quadrinhos), para outros países além do seu de origem, pode ser estudado.

Torná-lo como objeto de estudo no esforço de entender como e por que determinada obra permanece por muito tempo em circulação é a intenção desta pesquisa.

Tamanho sucesso, tantas edições levaram-me a perguntar:

- 1- O que faz um livro sobreviver por longo período e em inúmeras edições?
- 2- Que aspectos compõem a obra *O meu pé de laranja lima*, que a torna atrativa até hoje?
- 3- O que há nesta obra que garante a sua presença em bibliotecas e livrarias até hoje?

Esta pesquisa vem amparada com a sugestão de Darnton em seu artigo *O que é a história dos livros* (1990), sobre os modos de produção, circulação, recepção de livros, autores, etc. Nesta direção o livro *O meu pé de Laranja Lima* é tomado como objeto de estudo e buscou investigar sobre seu autor, a época em que foi publicado, as edições atuais e os leitores de hoje.

Em suma, seria possível desenvolver uma história e também uma teoria da reação do leitor. Possível, mas não é fácil; pois os documentos raramente mostram os leitores em

* A obra foi transformada em novela com mesmo nome duas vezes por Ivani Ribeiro (1920-1995), a primeira na TV Tupi entre novembro de 1970 e agosto de 1971, às 18:30; a segunda foi ao ar às 18: horas entre setembro de 1980 e abril de 1981 na TV Bandeirantes e em filme em 1970, na direção de Aurélio Teixeira(1926-1973). O filme, posterior, foi transmitido na televisão em sessão da tarde.

atividade, moldando o significado a partir dos textos, e os documentos são, eles próprios, textos, o que também requer interpretação. Poucos deles são ricos o bastante para propiciar um acesso, ainda que indireto, aos elementos cognitivos e afetivos da leitura, e alguns poucos casos excepcionais podem não ser suficientes para se reconstruírem as dimensões interiores dessa experiência. Mas os historiadores do livro sempre exibiram uma grande quantidade de informações sobre a história externa da leitura. Tendo estudado a leitura como um fenômeno social, podem responder muitas perguntas de "quem", "o que", "onde", e "quando", o que pode ser de grande ajuda na abordagem dos difíceis "porquês" e "comos". (DARNTON, 1990, p.148-9)

Não encontrei pesquisas acadêmicas sobre *O meu pé de laranja lima*, mesmo com toda essa história que atravessa tempos. Talvez, porque José Mauro de Vasconcelos não chegou a ser reconhecido como um autor do cânone literário, talvez porque ele não tenha sido indicado oficialmente como leitura obrigatória em programas de incentivo à leitura pelas políticas públicas.

Em pesquisa na internet em sites de artigos acadêmicos em busca de pesquisas e trabalhos sobre a obra, localizei artigos que trazem comentários sobre o livro *O meu pé de laranja lima* e o autor José Mauro de Vasconcelos.

O primeiro deles de um jornalista curitibano, Paulo Polzonoff Jr. (2003), de título: *O elogio a pieguice**, destaca que *O meu pé de laranja lima* é uma obra capaz de atingir o leitor para além da "Grande crítica literária brasileira", da década de 60. Para Polzonoff, a crítica se esquece de levar em conta a subjetividade da obra e que perseguindo a objetividade ignora que detrás de um livro existe um leitor.

Para o estudo que desenvolvo aqui, a fala dos leitores é de grande importância, já que, nos dizeres de Chartier (1999), também lembrado por Polzonoff (2003), uma obra só existe com um leitor:

* (www.polzonoff.com.br/o-elogio-da-pieguice.htm)

...um livro existe sem um leitor? Ele pode existir como objeto, mas, sem leitor, o texto do qual ele é portador é apenas virtual. Será que o mundo do texto existe quando não há ninguém para dele se apossar, para dele fazer uso, para inscrevê-lo na memória ou para transformá-lo em experiência? Paul Ricoeur lembrou muitas vezes o fato de que um mundo de textos que não é conquistado, apropriado por um mundo de leitores, não é senão um mundo de textos possíveis, inertes, sem existência verdadeira. (CHARTIER, 1999, p.154)

O segundo artigo intitulado: *O que pensam os adolescentes das histórias que lêem?*^{*}, é de Maria Alice Faria (1995), professora da Universidade de São Paulo (Unesp) e da Federal de Santa Catarina.

O artigo apresenta um estudo com 144 estudantes, de sétimas e oitavas séries, de uma escola pública de Assis, que relatam suas leituras, não necessariamente as obrigatórias da escola e suas preferências pelos personagens dos livros lidos. Os estudantes falaram dos personagens preferidos, que Faria separou em: *personagem positiva ativa*, ou seja, apresentam como qualidades predominantes a coragem, espírito de iniciativa; *positiva boa*, generosas, bondosas e sinceras; *infelizes*, herói imperfeito, maltratado, discriminado; *aventureiro*, vivem muitas aventuras e *engraçadas*, cujo comportamento diverte o leitor.

O meu pé de laranja lima aparece na pesquisa de Faria (1995), e Manuel Valadares, um dos seus principais personagens da história, encontra preferência dos entrevistados:

Ao contrário do que pensamos de início, a admiração dos leitores se projetam principalmente na personagem *positiva ativa* (110 indicações), sem que isso implique necessariamente na identificação do leitor com ela.

Em segundo lugar, dentre as pessoas admiradas, vêm as *positivas boas* (61 indicações), que são geralmente adultos protetores que resolvem os problemas dos adolescentes [...] Manuel Valadares de *O meu pé de laranja lima*...

^{*} Artigo publicado na Revista Comunicação e Educação, São Paulo, (3): 30 a 35, maio/ago. 1995

No terceiro artigo com título *Dor*^{*}, que é também de professor universitário da Universidade Estadual de São Paulo (Unesp), Rovilson José da Silva(2007), destaca grandes clássicos da literatura que têm suas marcas principais neste sentimento imprescindível da vida do homem: a dor, "afinal a literatura expressa de modo artístico a própria vida", relata.

Além de estudos sobre a obra impressa *O meu pé de laranja lima* é analisado em outra linguagem, como por exemplo, a do cinema. *O midiático e o trivial: meu pé de laranja lima - livro, filme*, de Gelson Santana e Vicente Gosciola (ambos da Universidade Anhembi Morumbi)^{*}, traz a importância da oralidade nas formas populares da cultura brasileira tomando esta obra como análise.

Todas estas pesquisas vêm trazendo indícios que *O meu pé de laranja lima*, ainda é lido, lembrado pelos leitores que de certa forma foram marcados por essa história, migrou para outras linguagens atingindo mais e diferentes públicos e que tem sua relevância e sobrevivência para além da crítica literária.

* http://www.ofg.com.br/colunas_conteudo.php?cod=323

* Resultado de apresentação em encontro sobre "Culturas da Mídia", do XVI Encontro da Compós(Associação Nacional dos Programas de pós - graduação em Comunicação), na UTP, EM Curitiba, PR, em junho de 2007.

6. EM BUSCA DOS LEITORES

A minha pesquisa pretende identificar a história acadêmica já construída sobre esta obra. Também tem como objetivo buscar os leitores e os significados que eles dão a esse texto, tentando entender as motivações que o mantêm vivo.

Como já dito anteriormente, José Mauro busca na vida das pessoas e lugares que vive as histórias que escreve, essa pode ser uma pista das significações partilhadas que os leitores farão em seus relatos, devido a identificação com suas vidas, o que veremos adiante. Porém como Chartier (2001) indica é, importante também pesquisar sobre cada leitor, com suas referências particulares e singulares, para tanto numa perspectiva de estudo micro analítico, termo trabalhado em Darton (1990).

Certeau (1994), em *A invenção do cotidiano: artes de fazer*, também traz a leitura como algo que só existe com seu leitor:

...Quer se trate de um jornal ou de Proust, o texto só tem sentido graças a seus leitores; muda com eles; ordena-se conforme códigos de percepção que lhe escapam. Torna-se texto somente na relação à exterioridade do leitor, por um jogo de implicações e de astúcias entre duas espécies de "expectativa" combinadas: a que organiza um espaço *legível* (uma literariedade) e a que organiza uma *démarche* necessária para *efetuação* da obra (uma leitura). (CERTEAU, 1994, p.266)

6.1. O QUE PRENDE UM LEITOR

O que prende um leitor, então a um livro? Essa é uma pergunta que pode ser feita neste trabalho e buscarei responder.

Em entrevista encontrei diferentes motivos pelo prazer de ter lido esta obra, entre elas:

...gostei muito... esta história da pobreza, os sentimentos do menino com relação ao mundo adulto... me emocionaram. (A- entrevistada)

Gostei por causa da narração e pela comovente história. (C- entrevistada)

Gostei, pois é uma história que mexe com os sentimentos. (T- entrevistada)

Os sentimentos foram muito mencionados nos depoimentos em relação a aceitação ou não da obra. Ser tocado, olhar o mundo a volta com outros olhos sugeridos pela leitura desta história, parece importante nas considerações da narração de *O meu pé de laranja lima*. Esta outra leitora internauta relata em acordo com os entrevistados:

"É um livro extremamente marcante, comovente e triste..."([www.esec-emidio-navarro-alm.rcts.pt/mer da palha 110 meu pe laranja lima](http://www.esec-emidio-navarro-alm.rcts.pt/mer_da_palha_110_meu_pe_laranja_lima)).

Em Darnton (2001), *A leitura rousseuista e um leitor "comum" no século XVIII*, encontramos Ranson, um leitor de Rousseau que também se emociona com a leitura, e em correspondência com seu livreiro deixa registros (e indícios) do que o prende a leitura de Jean-Jacques. Na maioria das cartas, Ranson pede informações sobre o escritor, demonstrando grande apreço pelo mesmo, ao passo que faz associações sobre seu casamento e o nascimento dos filhos às leituras de Jacques.

Agradeço-lhe muito por seus cordiais votos para meu novo estabelecimento. Minha esposa não está menos comovida que eu pelas coisas elevadas que o senhor me disse sobre ela. Espero que não me custe nenhum esforço cumprir, junto a esta cara-metade, os deveres que o senhor me prescreve e que impus a mim mesmo. [...] Tudo o que o

amigo Jean-Jacques escreveu sobre os deveres dos esposos, dos pais e das mães afetou-me vivamente, e confessarei que me servirá de regra, em vários sentidos, naqueles estados a possa vir a ser chamado. (Ranson à STN, 12 de julho de 1777 in DARNTON, 2001, P.162)

Parece que Ranson, assim como os leitores de *O meu pé de laranja lima*, lia Rousseau como a vida, como um texto não com objetivos de divertir, distrair, salvar almas, mas como um texto real que ensina a viver melhor, educa-se, cresce-se emocionalmente.

O valor dos textos tanto no texto de Rousseau quanto no de José Mauro de Vasconcelos parece ser recheado das descrições verídicas cotidianas, dos sentimentos, como a emoção que afetam o leitor em seu valor pessoal.

...A leitura não se desenvolveu em uma só direção, a extensão. Assumi muitas formas diferentes entre diferentes grupos sociais em diferentes épocas. Homens e mulheres leram para salvar suas almas, para melhorar seu comportamento, para consertar suas máquinas, para seduzir seus enamorados, para tomar conhecimento dos acontecimentos de seu tempo, e ainda simplesmente para se divertir... (DARNTON, 1990, 155)

Esta pesquisa começa a mostrar estas muitas formas de ler...

As diferenças parecem infinitas, pois a leitura não é simplesmente uma habilidade, e sim uma maneira de fazer sentido, que deve variar de cultura para cultura. Seria absurdo pretender encontrar uma fórmula capaz de explicar todas essas variações. Mas há de ser possível desenvolver uma forma de estudar as transformações na leitura dentro de nossa cultura... (idem, p.159)

6.2 OS LEITORES INTERNAUTAS

Em pesquisa pela internet foi possível localizar muitos comentários e impressões que leitores deixaram registrados sobre a obra *O meu pé de laranja lima*: "... guardei por

toda minha vida..."; "...chorei quase todos os capítulos..."; "Me emocionou muito."; "Li cinco vezes e ainda me emociono."

No relato dessa leitora internauta, já citada, percebemos o que o autor havia enunciado anteriormente, que talvez o que agradasse o seu leitor fosse a simplicidade de seus escritos e a identidade com a vida real em que vive. A leitora relata "*como se também eu participasse na história*", e contrapõe este texto às "*grandes lendas ou histórias, apenas pelo que são*".

É um livro extremamente marcante, comovente e triste. Marcante pela ironia da sua história, comovente pela simplicidade transmitida e com que é escrito e triste pela dor e pelas perdas retratadas. Um livro que eu gostei de ler e que pela sua simplicidade e frontalidade me transmitiu a sua mensagem e sentimentos imiscuídos de uma forma sutil e profunda. Com uma mescla de turbulentas emoções e pequenas conquistas e vitórias, vividas pelas personagens, que vêm ao rubro de forma simples e eloquente em cada palavra, eu senti-me como se também eu participasse na história. Neste livro o mais importante não é os grandes feitos ou qualquer outro acto considerado por nós, na nossa cegueira e egocentrismo, digno e merecedor de importância, mas sim, as pequenas coisas, que no fundo acabam por ser as mais bonitas e importantes; as pequenas vitórias; a dor e a conquista, do mundo real e da vida real, que acabam por ter uma fantasia mais doce e bonita e um misticismo mais profundo, do que as grandes lendas ou histórias apenas pelo que são. (Filipa Mendes de Oliveira, em Tertúlia dos leitores na página eletrônica da ESEC-Emídio Navarro, mar/08)

A história comove porque é triste, mexe com as emoções, é simples, fala de coisas pequenas, suscita a imaginação e é real. A beleza e a grandeza da história para essa leitora estão na simplicidade. O que encontramos também no artigo de Paulo Polzonoff (2003):

E é justamente o que Zé Mauro faz. Daí a ojeriza por esta que é sua obra-prima: trata de dor e de uma dor simples, para crianças. (POLZONOFF, 2003)

E ainda no artigo de Silva (2007), em que ele traz o tema dor como foco na análise da obra, citando os trechos do livro:

E o menino descobriu a dor:

Agora sabia mesmo o que era a dor. Dor não era apanhar de desmaiar. Não era cortar o pé com caco de vidro e levar pontos na farmácia. Dor era aquilo, que doía o coração todinho, que a gente tinha que morrer com ela, sem poder contar pra ninguém o segredo. Dor que dava desânimo nos braços, na cabeça, até na vontade de virar a cabeça no travesseiro. (VASCONCELOS, 2000, p.174)

A importância desta leitura que nos transporta à própria realidade é citada ainda por Ana Maria Machado (2002):

...Mas a leitura dos bons livros de literatura traz também ao leitor o outro lado desta moeda (a autora falava da viagem a outro tempo, outro espaço ou outra vida que pode ser proporcionada pela leitura):o contentamento de descobrir em um personagem alguns elementos em que ele se reconhece plenamente. Lendo uma história, de repente descobrimos nela umas pessoas que, de alguma forma, são tão idênticas a nós mesmos, que nos parecem uma espécie de espelho. Como estão, porém, em outro contexto e são fictícias, nos permitem um certo distanciamento e acabam nos ajudando a entender melhor o sentido de nossas próprias experiências..."(MACHADO, 2002, p.20)

6.3 OS LEITORES DE CARNE E OSSO: A METODOLOGIA DA PESQUISA

Ao todo são 13 pessoas pesquisadas, todas escolhidas, em primeiro lugar por terem sido leitoras do livro sobre o qual estou fazendo este estudo. Essas foram encontradas em conversas informais. Dessas, oito são profissionais do ensino: uma coordenadora, uma diretora de escola, seis professores.

A relação aproximada com os entrevistados, já que são colegas de trabalho, profissionais da rede pública do Estado de São Paulo, teve em vista reduzir ao máximo o pré - conceito, que geralmente os entrevistados têm em responder uma pesquisa acadêmica de acordo com o que consideram "aceitável" para esse tipo de estudo. Pensando nisto, tentei estabelecer uma relação com estas pessoas de parceiros na leitura, colocando-me como leitora e também conversando sobre minhas impressões, a fim de diminuir ao máximo as relações de poder que, em geral, se tem na relação universidade - pesquisadores - escola - professor.

Depois de esforçar-me em estabelecer uma relação cordial, e de tentar deixar claras as minhas intenções de trabalho, registrei as informações dadas pelos entrevistados para posterior análise. Apenas uma professora não conversou comigo, devido à impossibilidade de encontro, esta preencheu o questionário* por escrito e me entregou*.

De início apenas perguntar sobre o livro pareceu-me pouco. Os entrevistados relatavam lembrar o nome da obra e até achavam ter lido, mas percebia que se sentiam inseguros em conversar sobre. A memória vacilava.

Guedes-Pinto (2002) em seu trabalho *Rememorando trajetórias da professora - alfabetizadora*, também demonstrou esta dificuldade em trabalhar com as memórias das professoras em suas trajetórias de leitura da infância a atualidade. Neste trabalho a autora descreve sua busca em ajudar as entrevistadas a se lembrarem destas trajetórias e é acompanhada de Von Simpson (1998), que encontra um caminho: "as muletas da memória", que são suportes materiais para orientar a busca de memórias.

* Os questionários e entrevistas encontram-se em anexo

* Anexo 1

Foi este procedimento metodológico - "muletas de memória" - que utilizei nesta pesquisa. Comecei a levar o livro comigo às entrevistas, conversávamos sobre a história e a experiência que haviam tido com esta leitura. O livro acionava memórias, conversas, lembranças do enredo da história movimentavam a memória.

Outro ponto importante foi quando nas primeiras entrevistas, as pessoas citaram a novela e o filme. As versões da telenovela não são do meu tempo e eu não tinha nada a dizer sobre isso. Neste sentido, procurei o filme, assisti e pude a partir disso provocar lembranças dos entrevistados, o que parece ter melhorado a qualidade das narrativas das memórias.

Ler o livro, conhecer a versão da obra na linguagem do cinema me ajudaram a colocar em funcionamento as "muletas de memória", como por exemplo, nesta entrevista com uma diretora*:

M- "...Sabe, eu li há muito tempo, nem me lembro muito...li porque gostava de falar com uma árvore... acho que minha mãe que me deu...minha mãe lia muito apesar de pouco estudo...

Eu- Teve uma novela. Você assistiu?

M- Não é a história de um menino com um pezinho de laranja, não é?

Eu- Sim. Ele era muito pobre, de família numerosa. Era arteiro e por isso apanhava muito...

M- Não tinha um Portuga nesta história?

Eu- Tinha. Ele se torna amigo do menino...

M-...mas e o pé de laranja?

Eu- Um dia a família se muda para uma casa e cada criança começa a escolher uma coisa para ser seu, a única coisa que sobra para Zezé é o pé de laranja...

M- agora sim... me lembro porque minha mãe me deu o livro porque eu tinha um pé de laranja que não gostava também...na minha casa tinha vários pés de frutas e o meu era o pé de laranja...eu sempre sonhei com o pé de caqui...aquele pé de árvore enorme, que agente podia subir e inventar mil brincadeiras... apesar de não gostar da árvorezinha eu brincava com ela como com um amigo... minha mãe para me consolar me deu o livro, para eu ver como era interessante ter um pé de laranja lima...

Neste depoimento, a própria entrevistada faz perguntas sobre a história e a conversa sobre o livro, de forma dialogada e compartilhada também pela entrevistada provoca recordações.

Além deste grupo, duas bibliotecárias foram entrevistadas. Elas trabalham em bibliotecas públicas, onde fui verificar se havia o livro e se ainda ele era "locado". E também uma vendedora, pois interessava saber se ainda vendia o livro, se o indicava, e para quem.

Nas entrevistas com as bibliotecárias e com a vendedora, fiz pequenas anotações como lembretes para mim e depois transcrevia o conteúdo da conversa.

Tendo os depoimentos em mãos e as respostas das questões que levantava, aproximei todas as entrevistas e fiz uma *leitura flutuante*, nos dizeres de Franco (2005), procurando quais as proximidades de respostas de início e quais as pistas que me davam para responder minhas indagações.

A partir disso voltei-me ao embasamento teórico e as fundamentações para a análise dos conteúdos e as respostas que buscava.

Aproximando os textos das respostas organizei a análise em categorias temáticas: 1) Uma história real que ensina; 2) Uma história que lembra outra época; 3) Uma história para refletir; 4) Uma leitura pelo prazer de ler.

A pré-análise é a fase de organização propriamente dita. Corresponde a um de buscas iniciais, de intuições, de primeiros contatos com os materiais, mas tem por objetivo sistematizar os "preâmbulos" a serem incorporados quando da constituição de um esquema preciso para o desenvolvimento das operações sucessivas e com vistas à elaboração de um plano de análise. (FRANCO, 2005, p.77)

Os textos produzidos com as entrevistas foram interpretados pela análise de conteúdo, destacando as informações e dados referentes às questões levantadas.

... a análise de conteúdo requer que as descobertas tenham relevância teórica. Uma informação puramente descritiva não relacionada a outros atributos ou às características do emissor é de pequeno valor. (FRANCO, 2005, p.16)

No desenvolvimento da pesquisa procuramos dar destaque e interpretação teórica ao conteúdo das entrevistas, superando o caráter exclusivamente de informação.

A opção pela modalidade de pesquisa **análise de conteúdo** deu-se pela mesma constituir-se como um conjunto de técnicas e análises de comunicação, visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição de conteúdos das mensagens, indicadores que permitam, a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/ recepção destas mensagens. Acreditando que as mensagens são vestígios, manifestações de estados, dados, fenômenos. Assim temos as considerações de Franco, 2005:

O ponto de partida da Análise de Conteúdo é a mensagem, seja ela verbal (oral ou escrita), gestual, silenciosa, figurativa, documental ou diretamente provocada. Necessariamente, ela expressa um significado e um sentido. Sentido que não pode ser considerado um ato isolado, pois, "os diferentes modos pelos quais o sujeito se inscreve no texto correspondem a diferentes representações que tem de si mesmo como sujeito e do controle que tem dos processos discursivos textuais com que está lidando quando fala ou escreve" (Varlotta, 2002). (FRANCO, 2005, p.13)

Nesta direção, a mensagem não apenas transmite uma idéia, um conteúdo, mas é possível de ser interpretada nas condições de produção da própria linguagem.

... a Análise de Conteúdo assenta-se nos pressupostos de uma concepção crítica e dinâmica da linguagem. Linguagem, aqui entendida, como uma construção real de toda a sociedade e como expressão da existência humana que, em diferentes momentos históricos, elabora e desenvolve representações sociais no dinamismo interacional que se estabelece entre linguagem, pensamento e ação. (FRANCO, 2005, p.14)

E temos ainda considerações da mesma autora, citando sua leitura de Bardin, sobre o trabalho do analista de conteúdo, que ilustra, fazendo metáforas o trabalho que também desenvolvo neste estudo:

Utilizando-se de analogias, Bardin nos leva a concordar que... o analista é como um arqueólogo. Trabalha com vestígios... mas, os vestígios são as manifestações de estados, de dados e de fenômenos. Há mais alguma coisa a descobrir por e graças a eles... Tal como a etnografia necessita da etnologia, para interpretar suas descrições minuciosas, o analista tira partido do tratamento das mensagens que manipula, para inferir (de maneira lógica) conhecimentos que extrapolem o conteúdo manifesto nas mensagens e que podem estar associados a outros elementos (como o emissor, suas condições de produção, seu meio abrangente etc.) Tal como um detetive, o analista trabalha com índices cuidadosamente postos em evidência por procedimentos mais ou menos complexos. (FRANCO, 2005, p.25)

7. AS MARCAS DA LEITURA QUE FICARAM

7.1 UMA HISTÓRIA REAL QUE ENSINA

Diante das seguintes questões: que impressões você destaca da leitura que fez de *O meu pé de laranja lima*? ; gostou? ; indicaria este livro hoje para alguém? ; por quê? ; para quem? , os leitores de José Mauro destacaram vários aspectos, ora ligados à temática, ora às conseqüências positivas da leitura, ou ainda sobre o comportamento de determinado personagem. Para S, professora de português, o livro deveria ser indicado por que:

Aos adolescentes. Pela mensagem que transmite, pela ternura e compreensão da criança (S- professora de português).

S reporta-se ao livro como *mensagem que transmite* um ensinamento ao leitor, importante para os leitores jovens, adolescentes, que estão numa fase da vida de muitas descobertas e aprendizagens, da vida, do mundo e das relações entre pares.

Já a próxima entrevistada sinaliza também o texto como ensinamento fazendo uso de coisas saudáveis para resolver possíveis conflitos que os jovens possam vir a ter.

Sim aos adolescentes, vale a pena ler, porque mostra uma vida simples e o personagem faz uso de coisas saudáveis para resolver seus conflitos (M.A. coordenadora pedagógica).

O livro é assim indicado por um adulto como uma "boa" leitura aos jovens, mas também ele é sugerido pelos seus próprios pares, como exemplo no depoimento de H - estudante:

Sim, para meus amigos... para desenvolver a sensibilidade do mundo...

Nestes excertos encontramos justificativas para a leitura de *O meu pé de laranja lima*, referentes a uma leitura para aprender e ensinar, uma leitura para se desenvolver.

O personagem do livro é criança e no desenrolar do enredo, ele cresce, aprende, sofre, amadurece. O leitor se vê nesta história, identifica-se, como se encontrasse modelos para aprender coisas sobre a vida.

Os leitores identificam na história acontecimentos reais e as soluções dadas pelo menino para superar as suas dificuldades e por isso, talvez, destacaram em suas falas o fato de "*transmitir uma mensagem*".

O jovem leitor que lê a história do jovem protagonista a superar seus problemas, pode tomar a leitura como ensinamento para também superar seus obstáculos, para fazer "*uso de coisas saudáveis para resolver seus conflitos*" e ainda para "*desenvolver a sensibilidade do mundo...*"

Para uma das entrevistadas, profissional da educação a indicação também se justifica para uma aprendizagem. K, justifica sua indicação aos "*Interessados por desenvolver a criança na superação das suas necessidades, dificuldades e aprimorar seus conhecimentos*".

A leitura do livro torna-se modelar, formativa, como um *tratado de pedagogia* e também foi mencionado por outra leitora da obra, em reportagem ao Diário de Notícias, e que está na orelha do livro, na 29ª edição de 1978:

O livro (O meu pé de laranja lima) manda uma mensagem de ternura e de compreensão à criança e vale como um tratado de pedagogia para todos os que precisam fazer de sua vida uma infância de agradáveis lembranças e de condicionamentos capazes de ajudá-la a vencer bem a idade adulta. (Denise Tavares, Diário de Notícias, 28-6-1968, Salvador/BA)

Tal qual essa leitura, o leitor rousseauísta, Ranson (Darton, 2001) tem em Jean Jacques Rousseau um "amigo de virtude", um amigo que lhe ensina como lidar com acontecimentos do cotidiano:

...Gosto de imaginar dois esposos lendo essa coletânea juntos, retirando daí uma nova coragem para suportar seus trabalhos comuns, e talvez novos pontos de vista para lhes ser úteis, Como poderiam contemplar o quadro de um lar feliz, sem querer imitar um tão doce modelo?...(DARNTON, 2001, p.166)

São leitores que na mesma identificação com a mensagem proposta pelo autor, fazem da leitura um sentido para modelar o seu comportamento na vida.

Minha mulher apresenta-lhe seus respeitos [...] Ela continua, graças a Deus, a gozar de boa saúde, assim como sua querida criança de peito, que passa muito bem com o leite de sua mãe. Sua irmã mais velha grande menina de quase trinta meses, prova a doce influência pelo ótimo temperamento. Virtuoso Jean-Jacques é a ti que devo essa eterna obrigação (idem, p.166)

Rousseau enquanto autor se apresenta como um "leitor da vida" que aprendeu a ler com o pai e lia muito com ele, nestas condições torna-se um escritor de livros sobre

a vida, ganhando seus leitores num processo de identificação total com sua obra. Ao falar de *A Nova Heloísa*, diz:

Se as ler (*o texto eram cartas de amantes*) como uma obra de um autor que quer agradar ou que gaba de escrever, elas são detestáveis. Mas tome-as pelo que são e julgue-as em seu gênero. Dois ou três jovens simples, mas sensíveis, conversam entre si sobre os interesses de seus corações. Não sonham de modo algum em brilhar um aos olhos do outro. Conhecem-se e amam-se mutuamente, de modo que o amor-próprio não tem nada a fazer entre eles. São crianças, pensarão como adultos? São estrangeiros, escreverão corretamente? São solitários, conhecerão o mundo e a sociedade?[...] Não sabem nada disso tudo. Sabem amar; relacionam tudo às suas paixões. (op. cit.).

Neste fragmento, Rousseau, utiliza na própria ficção de um recurso para orientar seu leitor nos sentidos a serem atribuídos à sua obra: "não as ler como uma de autor", mas como cartas "reais" dirigidas de um jovem apaixonado a sua amante.

Rousseau explicita que nessa narrativa sua intenção ao leitor sua narrativa e intenção não é falsear, criar ficção, mas apenas contar para seu leitor uma história real, cheia de emoções, através das cartas escritas pelos próprios amantes. Rousseau usa da estratégia de chamar o leitor para a identificação de sua história com aquela contada, sem rebuscar, e diretamente da "boca" dos próprios indivíduos.

A história contada nas cartas dos amantes é tão real, tão simples, tão possível de ser vivida quanto dos leitores.

Parece que Rousseau sabe fazer uso de uma temática e da linguagem com o intuito de atrair a identificação com o seu leitor, o que nos remete ao próprio José Mauro de Vasconcelos quando analisa sua obra e afirma que talvez, o sucesso de sua obra junto ao público seja por ele lhes falar coisas simples, reais.

[...] O livro lido ganha seu sentido, daquilo que já foi lido antes dele, segundo um movimento redutor ao conhecimento, à anterioridade. O sentido nasce, em grande parte, tanto desse exterior cultural quanto do próprio texto e é bastante certo que seja de sentidos já adquiridos que nasça o sentido a ser adquirido. De fato, a leitura é jogo de espelhos, avanço especular. Reencontramos ao ler. Todo o saber anterior - saber fixado, institucionalizado, saber móvel, vestígios e migalhas - trabalha o texto oferecido à decifração. (GOULEMOT, 2001, p.114-5)

Neste sentido, os leitores de Vasconcelos, parecem encontrar consigo mesmos na obra que lêem, identificam-se com o personagem, apreciam os valores/ensinamentos que ela propõe.

A idéia de leitura que os entrevistados propõem é aquela que se constitui em um meio de aprimoramento delas próprias, transformando-as em pessoas melhores, fonte de humanização, pois ao ler ficamos sabendo como é estar "na pele do outro". É como se a leitura os tornasse mais experientes, sensatos. A referência parece vir principalmente em comparação com um mundo insensível e como fuga da padronização do mundo contemporâneo, às formas de divertir-se, viver e consumir: "*personagem faz uso de coisas saudáveis para resolver seus conflitos*".

A pesquisa de Faria (1995), quando interpreta a escolha dos estudantes pesquisados pelo *herói infeliz*, se aproxima dos relatos dos leitores de *O meu pé de laranja lima*, quando pensam nas indicações dos livros e na aprendizagem disponibilizada a seus leitores:

Nesta categoria (a amizade), o herói *infeliz* (12 indicações) serve para o leitor exercitar seu sentimento humanitário de ajuda, como indicam as duas leitoras de **Christiane f.**, ou a crença, curiosa, de que o sofrimento transforma as pessoas em boas e fiéis amigas... É o declara Cristiane (14 anos) sobre Cássia de **O nascer do amor**: "Ela sofreu muito. Então... ela ia ser uma boa amiga." (idem).

Faria encontrou leitores relatando seus sentimentos, o que aconteceu com eles quando leram os livros. Estes jovens também elevaram os sentimentos de amizade, necessidade de exercício dos sentimentos humanitários, desenvolvidos com as leituras.

7.2 UMA HISTÓRIA DE OUTRA ÉPOCA...QUE LEMBRA...

Pela biografia de José Mauro de Vasconcelos podemos perceber que ele vem de uma família simples e pobre. Também a obra retrata a vida de uma família simples e pobre.

É interessante notar que *O meu pé de laranja lima* trouxe também o tema "saudade" junto aos leitores e suas memórias da infância, muitas vezes memórias de uma infância pobre, filha de retirantes que em busca de uma vida melhor saíram de cidades menos urbanizadas para ocupar as periferias urbanas.

Quando perguntados sobre o porquê gostaram da leitura, os entrevistados responderam:

Gostei muito, por contar a história de uma criança que a gente se identificava como pobre que era. Ela mexe com a imaginação. (M.A. professora coordenadora da rede estadual de São Paulo).

Muito. A história falava muito da vida pobre em que este vivia e eu passava pela mesma situação (M.R. - professora da educação básica da rede estadual).

O fato de o protagonista também ser criança e pobre mexe com a imaginação do leitor, provoca identificação, aproximação.

Sim, porque me transmitiu a ternura da criança. A mensagem, na época em que li, foi pertinente ao momento que estava vivendo. (S- professora de português da rede pública estadual).

Nestes depoimentos, leitores e personagem se confundem, e a memória traz saudade, prazer em lembrar. Mesmo, descrevendo uma fase dura de pobreza, os entrevistados lembram a ternura, da imaginação da criança que transportava o leitor para outro mundo. E momento presente desses leitores é de superação dessa vida pobre que ficou para trás.

Como Polzonoff, diz no artigo citado anteriormente em relação ao livro *O meu pé de laranja lima* "*É simplesmente um sofrimento que marca*". Se de início os leitores relataram os sentimentos provocados pelo livro, não deixaram de fazê-lo relacionando-o ao contexto social, econômico e histórico que viviam. Identificando-se com a pobreza ou com a incompreensão dos adultos os leitores foram "marcados".

M lembrou-se da história contando exatamente o que aconteceu para que viesse a conhecer o livro: recebeu de presente devido a sua amizade com um verdadeiro pé de laranja lima:

... agora sim... me lembro porque minha mãe me deu o livro...porque eu tinha um pé de laranja que eu não gostava também. Na minha casa tinha vários pés de frutas e o meu era o pé de laranja...eu sempre sonhei com o pé de caqui...aquele pé de árvore enorme, que a gente podia subir e inventar mil brincadeiras...apesar de não gostar da árvorezinha, eu brincava com ela como com um amigo...minha mãe para me consolar me deu o livro (O meu pé de Laranja Lima), para eu ver que podia ser interessante ter um pé de laranja lima...(M- diretora de uma escola estadual de educação básica)

Histórias que marcam determinados momentos da vida podem virar história para contar e que dificilmente serão esquecidas, Machado (2002), descreve lembranças de leituras suas quando criança e considera:

Engraçado como todas essas lembranças ficam tão nítidas e duráveis. Talvez porque nas crianças a memória ainda está tão virgem e disponível que as impressões deixadas nela ficam marcadas de forma muito funda. Talvez porque sejam muito carregadas de emoção. (MACHADO, 2002, p.10)

Machado tenta uma explicação do porque somos marcados de histórias que lemos quando criança. Os entrevistados aproximaram as marcas deixadas da leitura de *O meu pé de laranja lima* recordando as emoções que sentiram ao ler nas letras do enredo o que encontravam dentro deles próprios.

7.3 UMA HISTÓRIA PARA REFLETIR

Lemos para fazer perguntas.

Franz Kafka

Das pessoas entrevistadas, um conjunto respondeu dizendo que indicaria o livro para seus alunos, para alguém da família. Mas quais os motivos pelos quais indicariam tal livro?

Sim, aos alunos de quarta série. O entendimento nesta idade poderia sugerir reflexões (M.M- professora de educação básica).

Sim, para o Ivan (filho) para ver a vida de um modo diferente (C- dona de casa).

Por indicação de alguém mais velho da família ou da escola a leitura não é só um processo desencadeado pela identificação do leitor com o protagonista ou com as

dificuldades encontradas. Muitas vezes a leitura é procurada como um meio de "educar pelos valores", para sentimentos mais nobres, mais valorizados socialmente.

A maioria dos entrevistados reporta-se a um mundo atual insensível, cruel, onde se perdeu os valores de amizade, inocência, à saudade, e por isso a importância da indicação desse livro ao filho: "*para ver a vida de um modo diferente...*"; ou aos amigos: "*para desenvolver a sensibilidade do mundo...*".

Todas as falas são carregadas dos sentimentos que esses leitores têm com relação à atualidade, à desesperança, ao reconhecimento da urgência em reatar os laços humanos de convivência, reconhecendo que na vida há perdas, há saudade e a leitura do livro pode colaborar para mudanças.

Esta vendedora de livros reforça estes objetivos para ler a obra *O meu pé de laranja lima*. Contando um pouco de sua experiência na profissão, ela indica motivos para que este texto continue sendo "renovado" e lido para as novas gerações.

Eu acredito que os jovens deveriam ler estes livros que resgatam valores, etapas da vida, descobertas de sentimentos e relacionamentos.

Muitos vêm às prateleiras em busca do mais novo e mais vendido, normalmente não é muito real. Textos que na maioria das vezes contribuem pouco à personalidade e intelectualidade. Sou a favor quando a escola exige leituras deste tipo, claro que sem as exigências escolares... (risos) (F- vendedora de livros)

Os leitores encontram sentidos e modos diversos para a leitura: o refletir, pensar na vida, nas relações com as pessoas, no mundo é um deles.

...Se, portanto "o livro é um efeito (uma construção) do leitor", deve-se considerar a operação deste último como uma espécie de *lectio*, produção própria do "leitor". Este não toma nem lugar do autor nem lugar de autor. Inventar nos textos outra coisa que não aquilo que era a "intenção" deles. Destaca-os de sua origem (perdida ou acessória). Combina os seus fragmentos e cria algo não sabido no espaço organizado por sua

capacidade de permitir uma pluralidade indefinida de significações. (CERTEAU, 1994, p.265)

Deste modo as relações feitas sobre a história - na identificação com o personagem ou com os problemas vividos pelo leitor - não são a única possibilidade, como comprova o relato desta professora da rede pública estadual, sobre a leitura que fez do livro e os objetivos de quem indicou a leitura:

Li o livro para discussão de aprimoramento da leitura do livro 'A paixão de conhecer o mundo' de Madalena Freire. Foi sugestão da professora da faculdade. Gostei por relembrar a infância, e para compreender a criança, para que no desenvolvimento do seu cognitivo e afetivo, possa torná-los adultos mais conscientes e críticos. Sugiro à todos comprometidos com a educação, interessados a desenvolver seus alunos na superação de suas necessidades e dificuldades. (K- professora de educação básica)

A apropriação que K faz do texto *O meu pé de laranja lima* é bastante inusitado. Ela junta um texto de ficção com um texto acadêmico. Um enredo que traz um personagem criança específico, para um entendimento da infância; uma leitura de distração para uma leitura que ensina.

K utiliza do texto para aprimorar conhecimentos para formação, e considera-os importantes realçando que *"todos comprometidos com a educação"* deveriam ler, ou seja, seria necessário passar por essa experiência de "viver" um pouco do que uma criança passa para trabalhar com outras crianças. É possível que a professora que propôs a leitura tenha lido o livro como reconhecendo a história de uma criança real, peralta, que vive em um determinado contexto social, que é trazido no livro e tem forte influência no enredo, uma história próxima da realidade das crianças brasileiras. Ao sugerir a leitura no curso de formação de professores indica-se uma possibilidade de

reflexão, vivência, aprendizagem dos profissionais, que olhem seus alunos como indivíduos, que têm vida social além da escola, têm família, têm sentimentos.

7.4. UMA LEITURA PELO PRAZER DE LER

O prazer de ler pode ser constituído no encontro com obras clássicas, com obras menos densas, com obras marcadas pela tradição.

Dos 13 entrevistados, 5 deles leram o livro por outros motivos que não a escola. Por tanto a maioria leu por causa da escola, mas não revelam um desgosto pela obra por ter sido indicado por ela. Ao contrário dão seu testemunho destacando o lugar que esta ocupa hoje, como patrimônio cultural, um clássico.

Há uma grande possibilidade de *O meu pé de laranja lima* ter sido indicado na escola como um clássico, já que esta instituição tem tradição em manter vivo o conhecimento construído pela humanidade. Ana Maria (2002), no livro *Como e por que ler os clássicos universais desde cedo*, indica:

...O que interessa mesmo a esses jovens leitores que se aproximam da grande tradição literária é ficar conhecendo as histórias empolgantes de que fomos feitos. (MACHADO, 2002, p.12)

A obra foi indicada na escola pelos professores que como leitores se encantaram e viram nela sentidos para indicar para seus alunos.

Desta maneira os clássicos são entendidos como livros que mantêm vivos, além do texto propriamente dito, a própria história cultural e social da humanidade, suas tradições, seus feitos e os porquês de como somos hoje. Para Ítalo Calvino (1993), são

grandes obras, que nunca terminam de dizer, são imortais e sempre o serão, pois sempre estão sendo lidos e relidos. Neles sempre se descobre e redescobre: "...os clássicos servem para entender quem somos e aonde chegamos..." (CALVINO,1993,p.16)

Porém, tanto para MACHADO como para CALVINO, os clássicos também aproximam seus leitores de "*histórias empolgantes de que somos feitos*", e isso é o que "*interessa mesmo*". Histórias que despertam a imaginação, a curiosidade e satisfação.

Assim, temos a importância da leitura de clássicos, como textos que podem não ter sido obrigatórios, mas que fizeram parte da oferta de um saber da humanidade e de nós mesmos, e que passa a nos constituir como sujeitos de uma cultura.

A entrevistada abaixo **A**, afirma a importância de a escola garantir a oferta diversificada de obras, dizendo que indica *O meu pé de laranja lima* na biblioteca que trabalha e acredita que a escola deve indicá-lo também. Em sua fala a escola é tomada como a instituição responsável pela formação de leitores.

Sim a todos. A escola é uma importante promotora das leituras e deve diversificar suas propostas de leitura, mas essas leituras devem ter objetivo de prazer e descobertas de leitores, não para avaliação. (A- bibliotecária da Biblioteca Municipal de Campinas).

O que **A** destaca em sua fala é que a responsabilidade pela indicação passa por obras que promovam um prazer de leitura e que não tenham como finalidade práticas avaliativas e cobranças de leituras.

Logo a diversidade, lembrada pela entrevistada, perpassa não somente às obras clássicas, como outras tantas que possam produzir no leitor o prazer de estar lendo.

Uma professora que leu o livro por indicação de sua professora na infância, e que teve como tarefa produzir um resumo da obra, atualmente a indica:

Gostei por ser a meu ver uma história inocente. Indicaria à todas as pessoas que gostam de ler um bom livro. (V- professora da rede pública estadual)

Aqui, V afirma ser um "bom livro". Por quê? , Por ser uma história inocente? , Que aspectos podem ser agregados a esta inocência? , Um livro de mensagem facilmente compreendida? . Um livro com um personagem principal - criança - com sonhos, pensamentos não materiais, sem violência? Ou por ser um clássico? , Por que ensina algo? , Por que traz um enredo que mexe com a sensibilidade dos leitores, apropriando-se de suas mentes?

Contudo, a indicação de V, para a obra vai para "*todas as pessoas que gostam de ler*", relevando todos os porquês que levaram a mesma a dizer que gostou do livro, para um livro que pode ser lido pelo deleite de ler.

F, vendedora de livros também relembra em sua indicação o motivo da leitura por prazer:

Sim. Indico até hoje a muitas pessoas que buscam um presente, ou uma leitura por prazer. (F. vendedora de livros)

O meu pé de laranja lima parece ser assim um livro ligado a uma prática da leitura prazerosa, sem desafio, sem exigências ao leitor. Lê-se e se distrai, "se descobre como leitor", lê com fruição.

Ambas, V e F consideram *O meu pé de laranja lima*, uma indicação para o gosto de ler. Por quê? Talvez porque para elas esse livro envolve, prende o leitor, dá algo em

troca, sem exigências, sem cobranças, sem direcionamentos. Os sentidos que um texto provoca no leitor pelo prazer da leitura são inúmeros, como trata Ana Maria Machado neste trecho:

...É uma das alegrias que um livro pode proporcionar- mas essa é apenas a satisfação mais evidente e superficial. Há muito mais do que isso, como sabe qualquer leitor. Existe, por exemplo, o gosto pela viagem- um prazer muito especial que não deve ser confundido com fuga, evasão ou escapismo. É o gosto pela imersão no desconhecido, pelo conhecimento do outro, pela exploração da diversidade. A satisfação de se deixar transportar para outro tempo e outro espaço, viver outra vida com experiências diferentes do cotidiano. (MACHADO, 2002, p.18 e 19)

Esta outra bibliotecária também, indica a leitura para o prazer de ler e acrescenta que a riqueza da leitura se faz pelo aprendizado e conhecimento da cultura brasileira.

... eu indico às vezes, mas indico como um clássico da literatura brasileira, para pessoas que gostam de ler e vão usar isso não só para distração, mas também por ler um livro conhecido... (B - bibliotecária de biblioteca municipal Joaquim de Castro Tibiriçá).

O meu pé de laranja lima dá prazer não apenas porque distrai, mas porque instrui e sedimenta uma tradição entre os leitores.

Ler um livro indicado pela escola, como leitura obrigatória ou ler um livro como uma prática mais livre, mais autônoma, prazerosa tem sido um debate caloroso. Como formar um leitor de literatura?

Para muitos estudiosos, SILVA(1981), MACHADO(2002), ZILBERMAN(2001), LAJOLO(1995), entre outros, principalmente a partir dos anos 80, o livro deve ser escolha livre do leitor entre uma quantidade a ele ofertada.

Hoje o valor que se dá a leitura seja ela de qualquer espécie, é inegável. Campanhas se espalham pela mídia, em cartazes de transporte público propostas e

programas de políticas públicas, etc. aplicando verbos imperativos em suas chamadas para que as pessoas leiam e tornem-se cidadãos atualizados.

As indicações dos entrevistados vêm acompanhadas também deste movimento pela importância da leitura.

Esta leitora, **M.A.**, indica sua escolha na leitura da obra, pelo prazer e curiosidade em ler:

Apenas por curiosidade, quando criança e adolescente era uma leitora compulsiva (**M.A.** coordenadora pedagógica)

Para esta leitora - atualmente coordenadora pedagógica - os livros devem ser oferecidos aos leitores como objetos a serem desvendados pela curiosidade e também deve ser oferecidos para serem consumidos "compulsivamente". Foi assim que ela teve contato com *O meu pé de laranja lima*, é assim que na opinião dela se forma leitores.

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sem a arte do espectador as pinturas não seriam mais do que áreas planas cobertas de pigmentos.
Ernest Gombrich

Temos visto *O meu pé de laranja lima* como uma narrativa que sobreviveu ao tempo, considerada por seus leitores, um clássico, um texto a ser lido e indicado, um livro que promove instrução ou sentimentos prazerosos. Podemos considerá-lo um texto literário?

Segundo Márcia Abreu (2006), saber que algo é tido como *literário* provoca certo tipo de leitura: aceitação da crítica literária, divulgação e legitimidade na mídia. A literariedade não está só no texto, mas também no modo de lê-lo, nas instâncias - crítica, mercado editorial - que promovem o reconhecimento do autor.

As entrevistas feitas nesta pesquisa trouxeram referência ao livro como um texto literário, "*de qualidade*", "*um clássico da literatura brasileira*", a importância de renovar sua leitura, as mudanças provocadas no leitor após a leitura da obra, a identificação com uma obra que vale a pena ser lida.

São testemunhos de sentidos diversos, mas que dão a este texto um valor literário, com os mesmos critérios em que a crítica literária e a academia se apóiam para legitimar uma obra.

É provável que estas pessoas ao serem questionadas sobre a leitura do livro, sabendo que a pesquisa tinha um fim acadêmico, logo relacionaram a obra a um texto *literário*, no sentido legitimado que se atribui popularmente.

O fato de terem lido o livro por indicação de professores, pode ter levado a elas pensar que esta era uma obra também legitimada pela academia, esta possivelmente influenciou os entrevistados a estabelecerem *O meu pé de laranja lima* como obra literária. Machado (2002) considera os grandes livros para além das legitimações e padrões de qualidade estabelecidos pela crítica:

... grande parte da vitalidade e permanência dos grandes livros não está em suas qualidades intrínsecas de forma acabada e fechada, mas no potencial de leituras que elas permitem. (98)

Os leitores entrevistados parecem dar ao *O meu pé de laranja lima* o estatuto de obra literária. Nesta direção: a obra lhes oferece um potencial para entender a dor da criança, para aprender ser melhor, para voltar a ser inocente, etc.

Além de grandes livros poderem ser definidos como tal a partir do potencial de leituras que eles permitem, as definições de literatura alteram-se com o tempo e por sociedades, como continua Machado:

O conceito de *Literatura* foi naturalizado - ou seja, tomado como natural e não como histórico e cultural - e por isso tornou-se tão eficiente. Por esse motivo, em geral, as definições são tão vagas e pouco aplicáveis. Apresenta-se a *Literatura* como algo universal, como se sempre e em todo lugar tivesse havido literatura, como se ela fosse própria ao ser humano... Nós temos de discutir o que é literatura, pois ela é um fenômeno cultural e histórico, passível de receber diferentes definições em diferentes épocas e por diferentes grupos sociais. (43)

De início os entrevistados falam da leitura do livro com a possibilidade de identidade do leitor com o protagonista, com valor - ensinamento - do momento em que viviam. Quando têm que justificar por que indicariam reportam-se a um texto como clássico, de qualidade, para "ensinar" coisas aos jovens, a importância de um texto real.

É possível que os sentidos da leitura do livro tenham mudado do momento em que leram para o momento atual. É provável também que os significados que atribuíam antes à prática de leitura tenham se modificado. É provável ainda que definir ou não uma obra como literária seja um critério que varie de comunidade para comunidade de leitores.

No livro de Márcia Abreu "Cultura letrada: leitura e literatura", a autora tece vários exemplos de textos - cordel, textos sem identificação da autoria -, e a comparação com textos legitimados literários, a fim de desconstruir a idéia "naturalizada" do que seja literariedade.

Esta pesquisa parece revelar que uma obra não legitimada pela academia pode resistir ao tempo por causa de seus leitores. O que os prende à leitura, o que os faz querer ler novamente, ou indicá-lo para outros leitores, o que permite que a obra ultrapasse gerações, são motivos dados pelos leitores, que também são diversos.

Cada leitor em sua intimidade e particularidade com a obra trouxe justificativas de sua experiência com o livro e por isso o mantiveram vivo.

Leram e indicaram por ser um texto emocionante, real e que ensina, por trazer da memória coisas que se tornaram importante na atualidade, ou por considerarem um texto representativo da cultura e da literatura brasileira.

Entre outras considerações, o que se percebe é que um texto só existe porque existem leitores, e os de *O meu pé de laranja lima*, expandiram o significado da obra trazida pelos críticos literários com relação a ele.

9. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- ABREU, Márcia. **Cultura letrada: literatura e leitura**. São Paulo: Unesp, 2006.
- CALVINO, Ítalo. **Por que ler os clássicos**. Tradução de Nilson Moulin. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. Tradução de Epharaim Ferreira Alves. Petrópolis/RJ: Vozes, 1994.
- CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações**. Rio de Janeiro: Bertrand, 1988.
- _____ **A aventura do livro: do leitor ao navegador**. São Paulo: Unesp, 1998.
- _____ **Cultura escrita, literatura e história**. Porto Alegre/RS: Artmed, 2001.
- _____ **Práticas de leitura**. Tradução de Cristiane Nascimento. 2ª edição. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.
- DARNTON, Robert. **O beijo de lamourette: a mídia, cultura e revolução**. São Paulo: Companhia das letras, 1990.
- FRANCO, Maria L.P.B. **Análise de conteúdo**. 2ª edição. Brasília/DF: Liber livro, 2005.
- GUEDES-PINTO, Ana Lúcia. **Rememorando trajetórias da professora-alfabetizadora: a leitura como prática constitutiva de sua identidade e formação profissionais**. Campinas/SP: Mercado de Letras, 2002.
- LAJOLO, Marisa & ZILBERMAN, Regina. **Literatura infantil brasileira: histórias e histórias**. São Paulo: Ática, 1985.

MACHADO, Ana Maria. **Como e por que ler os clássicos universais desde cedo**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.

NUNES, Lygia Bojunga. **A bolsa amarela**. Rio de Janeiro: Agir, 1978.

VASCONCELOS, José Mauro. **O meu pé de laranja lima**. 29ª edição. São Paulo: Melhoramentos, 1978.

ZILBERMAN, Regina. **Como e por que ler a literatura infantil brasileira**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.

10. ANEXOS

Entrevistada: M.M

Atuação na escola: Professora

Você já leu o livro *O meu pé de laranja lima*? Quando?

Sim. Ensino Fundamental II

Por que o leu? Se alguém o indicou, o que disse do livro para você?

Li pelo trabalho do professor de português. Para conhecer José Mauro de Vasconcelos, que na época estava despontando como escritor novo e o interesse para a idade dos alunos

Gostou do livro? Por quê?

Sim. O assunto era bem próximo aos adolescentes da época.

Você indicaria o livro? A quem? Por quê?

Sim aos alunos de 4ª série .O entendimento nesta idade poderia sugerir reflexões.

Você assistiu a novela *O meu pé de laranja lima*? O que achou?

Não

A leitura do livro a(o) incentivou a assistir a novela? Ou o contrário?

Não

Já o leu em sala de aula, ou utilizou algum trecho do livro com alguma finalidade educativa ou simplesmente para leitura? Por quê?

Não. Trabalho com alunos de 1ª a 3ª série.

Já viu excerto em livro didático, e por isso o leu e conhece?

Não

Algo mais que não foi perguntado, mas considera importante relatar em sua experiência com *O meu pé de laranja lima*?

Acredito que é importante que leitores leiam por prazer, podendo fazer suas interpretações, reflexões.

Sua contribuição a essa pesquisa é muito importante, agradeço a disposição!

10.2. Obs. Conversa informal sobre a obra, a escrita não é literal.

Entrevistada: **M**

Cargo na escola: Diretora

Cheguei à escola para conversar com a diretora sobre a pesquisa. Durante a conversa ela começou a me falar sobre sua experiência com o livro.

M- "... sabe ...eu li a muito tempo ...li porque eu gostava de falar com a árvore ...acho que minha mãe me deu, ela lia bastante apesar de pouco estudo...

Eu- Teve uma novela... você viu?

M- Lembro alguma coisa da novela, mas nada significativo... o livro conta de um menino que tinha um pezinho de laranja que conversava com ele, não é isso?

Eu- Sim. Ele era muito pobre, de uma família com bastante irmãos... ele era arteiro... apanhava bastante...

M- Não tinha um Portuga nesta história?

Eu- Sim. De início era inimigo do menino e depois viram grandes amigos...

M- ...lembro alguma coisa sobre o português, mas e o pé de laranja?

Eu- ...Então... um dia, depois de uma mudança, Zezé chega na casa nova e vai procurar um lugar, ou coisa para ser seu e os irmãos o fazem também. Sobra apenas o pé de laranja lima para ele, que além de pequeno não era nada atrativo...

M- ...agora sim... me lembro porque minha mãe me deu o livro. Porque eu tinha um pé de laranja que eu não gostava... na minha casa tinha vários pés de frutas e o meu era o pé de laranja. Eu sempre sonhei com um pé de caqui... aquele pé de árvore enorme, que a gente podia subir e inventar mil brincadeiras... apesar de não gostar da

arvorezinha eu brincava com ela como com um amigo. Minha mãe para “me consolar” me deu o livro. Para eu ver como era interessante ter um pé de laranja...

Eu- Que interessante... mas como sua mãe conheceu o livro? Você sabe?

M- Acho que coincidiu com a novela, não tenho certeza... mas a família toda acabou conhecendo a história por causa de minhas longas conversas com minha árvore...

Eu- Você levou este livro para sala de aula alguma vez?

M- Não. Sempre gostei muito de encenar, inventar e fazer tudo para que meus alunos fossem criativas, imaginativas, como sempre fui... ajudada por minha mãe... mas não levei esta história para meu trabalho não...

Eu- Você sabe se tem este livro aqui na biblioteca da escola? Quantos exemplares e se te procura?

M- Vamos ver?...

Havia dois exemplares. Mas não foi possível pesquisara frequência com que são lidos, pois o controle de livros é apenas anual. O deste ano (2008) tinha poucos registros...

10.3. Entrevistada: M.A

Atuação na escola: Coordenadora pedagógica da rede estadual de S. P

Você já leu o livro *O meu pé de laranja lima*? Quando?

Sim. Quando ainda era muito jovem.

Por que o leu? Se alguém o indicou, o que disse do livro para você?

Apenas por curiosidade, quando criança e adolescente era uma leitora compulsiva.

Gostou do livro? Por quê?

Gostei muito, por contar a história de uma criança que a gente se identificava como pobre que era. Ele mexe com a imaginação.

Você indicaria o livro? A quem? Por quê?

Sim aos adolescentes, vale a pena ler porque mostra uma vida simples e o personagem faz uso de coisas saudáveis para resolver seus conflitos.

Você assistiu a novela *O meu pé de laranja lima*? O que achou?

Sim, mas pouco lembro do enredo, dos atores...

A leitura do livro a(o) incentivou a assistir a novela? Ou o contrário?

Não. Assisti a novela primeiro.

Já o leu em sala de aula, ou utilizou algum trecho do livro com alguma finalidade educativa ou simplesmente para leitura? Por quê?

Não.

Já viu excerto em livro didático, e por isso o leu e conhece?

Não

Algo mais que não foi perguntado, mas considera importante relatar em sua experiência com *O meu pé de laranja lima*?

Não.

Sua contribuição a essa pesquisa é muito importante, agradeço a disposição!

10.4. Entrevistada: M.R

Atuação na escola: Professora

Você já leu o livro *O meu pé de laranja lima*? Quando?

Sim. Quando estava na 4ª série do ensino fundamental.

Por que o leu? Se alguém o indicou, o que disse do livro para você?

Li porque foi pedido pela professora, depois de ler tive que fazer um resumo.

Gostou do livro? Por quê?

Muito. A história falava muito da vida pobre em que ele vivia e eu passava pela mesma situação.

Você indicaria o livro? A quem? Por quê?

Indicaria. Para todas as pessoas que gostam de um texto de qualidade

Você assistiu a novela *O meu pé de laranja lima*? O que achou?

Não.

A leitura do livro a(o) incentivou a assistir a novela? Ou o contrário?

Gostaria de ter assistido mas não tínhamos televisão na época.

Já o leu em sala de aula, ou utilizou algum trecho do livro com alguma finalidade educativa ou simplesmente para leitura? Por quê?

Não.

Já viu excerto em livro didático, e por isso o leu e conhece?

Não

Algo mais que não foi perguntado, mas considera importante relatar em sua experiência com *O meu pé de laranja lima*?

*José Mauro foi muito feliz ao escrever *O meu pé de laranja lima*, pois conseguiu atingir um público diversificado*

Sua contribuição a essa pesquisa é muito importante, agradeço a disposição!

10.5. Entrevistada: K

Atuação na escola: Professora

Você já leu o livro *O meu pé de laranja lima*? Quando?

Sim. Na faculdade, para discussão de aprimoramento do livro "A paixão de conhecer o mundo" de Madalena Freire

Por que o leu? Se alguém o indicou, o que disse do livro para você?

Para discussão de aprimoramento do livro " A paixão de conhecer o mundo" de Madalena Freire. Foi indicação da professora da faculdade.

Gostou do livro? Por quê?

Sim. Por lembrar a infância e para compreender a criança, que no seu desenvolvimento cognitivo e afetivo, possamos torná-los adultos mais conscientes e críticos.

Você indicaria o livro? A quem? Por quê?

Sugiro à todos comprometidos com a educação, interessados a desenvolver a criança na superação das suas necessidades, dificuldades.

Você assistiu a novela *O meu pé de laranja lima*? O que achou?

Não

A leitura do livro a(o) incentivou a assistir a novela? Ou o contrário?

Não

Já o leu em sala de aula, ou utilizou algum trecho do livro com alguma finalidade educativa ou simplesmente para leitura? Por quê?

Não.

Já viu excerto em livro didático, e por isso o leu e conhece?

Não

Algo mais que não foi perguntado, mas considera importante relatar em sua experiência com *O meu pé de laranja lima*? *Não*

10.6. Entrevistada: S

Atuação na escola: Professora de educação básica I , II e médio

Você já leu o livro *O meu pé de laranja lima*? Quando?

Sim. Anos 80.

Por que o leu? Se alguém o indicou, o que disse do livro para você?

Uma professora de Português indicou para prova. (li obrigada e particularmente gostei, tive amigos que odiaram)

Gostou do livro? Por quê?

Sim. Porque me transmitiu a ternura da criança e a mensagem na época em que li foi pertinente ao momento em que estava vivendo..

Você indicaria o livro? A quem? Por quê?

Sim aos adolescentes. Pela mensagem que transmite, pela ternura e compreensão de uma criança.

Você assistiu a novela *O meu pé de laranja lima*? O que achou?

Sim. Acho que filme e novela nunca se comparam à obra em si.

A leitura do livro a(o) incentivou a assistir a novela? Ou o contrário?

Sim, mas não gostei muito da novela.

Já o leu em sala de aula, ou utilizou algum trecho do livro com alguma finalidade educativa ou simplesmente para leitura? Por quê?

Sim. Pra compreensão de texto, para entendimento de características de personagens.

Já viu excerto em livro didático, e por isso o leu e conhece?

Já o conhecia.

Algo mais que não foi perguntado, mas considera importante relatar em sua experiência com *O meu pé de laranja lima*?

Observo que os adolescentes dessa época tem uma visão errada de certos livros. O importante antes da leitura é sempre o estímulo e uma conversa informal para que leiam com interesse.

10.7. Entrevistada: T

Atuação na escola: Professora

Você já leu o livro *O meu pé de laranja lima*? Quando?

Já anos atrás.

Por que o leu? Se alguém o indicou, o que disse do livro para você?

Indicação da professora. Contou algumas partes para mostrar como seria bom lê-lo, nos deixou curiosos.

Gostou do livro? Por quê?

Gostei, pois é uma história que mexe com os sentimentos.

Você indicaria o livro? A quem? Por quê?

Aos meus alunos de 4ª série eu usei na "leitura da professora" e contava por capítulos. Isso os levou a cobrarem a leitura diária. Indicaria a todos que gostam de ler

Você assistiu a novela *O meu pé de laranja lima*? O que achou?

Não assisti.

A leitura do livro a(o) incentivou a assistir a novela? Ou o contrário?

Não recordo porque não assisti.

Já o leu em sala de aula, ou utilizou algum trecho do livro com alguma finalidade educativa ou simplesmente para leitura? Por quê?

Já li em sala de aula em 2005.

Já viu excerto em livro didático, e por isso o leu e conhece?

Não

Algo mais que não foi perguntado, mas considera importante relatar em sua experiência com *O meu pé de laranja lima*?

Bom texto para falar de narração, descrição, personagens, ambiente...

Sua contribuição a essa pesquisa é muito importante, agradeço a disposição!

10.8. Entrevistada: V

Atuação na escola: Professora

Você já leu o livro *O meu pé de laranja lima*? Quando?

Sim. Muitos anos atrás (+ ou – 12 anos atrás)

Por que o leu? Se alguém o indicou, o que disse do livro para você?

Para fazer um resumo, quando fazia magistério. Uma professora do curso que indicou como um clássico da literatura nacional.

Gostou do livro? Por quê?

Sim. Porque tem uma história a meu ver inocente.

Você indicaria o livro? A quem? Por quê?

Sim para todas as pessoas que gostam de ler um bom livro.

Você assistiu a novela *O meu pé de laranja lima*? O que achou?

Sim. Eu achei a novela interessante e acessível a todas faixas etárias.

A leitura do livro a(o) incentivou a assistir a novela? Ou o contrário?

Sim.

Já o leu em sala de aula, ou utilizou algum trecho do livro com alguma finalidade educativa ou simplesmente para leitura? Por quê?

Não.

Já viu excerto em livro didático, e por isso o leu e conhece?

Não

Algo mais que não foi perguntado, mas considera importante relatar em sua experiência com *O meu pé de laranja lima*?

Sua contribuição a essa pesquisa é muito importante, agradeço a disposição!

10.9. Entrevistada: C

Atuação: Dona de casa

Você já leu o livro *O meu pé de laranja lima*? Quando?

Sim. Em 2007

Por que o leu? Se alguém o indicou, o que disse do livro para você?

Sou ávida leitora e porque meu filho indicou dizendo que a história era bonita.

Gostou do livro? Por quê?

Sim. Por causa da boa narração e da comovente história.

Você indicaria o livro? A quem? Por quê?

Sim para o Ivan (meu outro filho), para ver a vida de modo diferente.

Você assistiu a novela *O meu pé de laranja lima*? O que achou?

Não

A leitura do livro a(o) incentivou a assistir a novela? Ou o contrário?

Não

Já o leu em sala de aula, ou utilizou algum trecho do livro com alguma finalidade educativa ou simplesmente para leitura? Por quê?

Não.

Já viu excerto em livro didático, e por isso o leu e conhece?

Não

Algo mais que não foi perguntado, mas considera importante relatar em sua experiência com *O meu pé de laranja lima*?

A criança é bem sofrida, discriminada e encontra apoio em uma pessoa estranha que ensinou muitas coisas para ele.

Sua contribuição a essa pesquisa é muito importante, agradeço a disposição!

10.10. Entrevistado: H

Atuação na escola: Estudante

Você já leu o livro *O meu pé de laranja lima*? Quando?

Sim. Em 2005.

Por que o leu? Se alguém o indicou, o que disse do livro para você?

Porque minha tia indicou.

Gostou do livro? Por quê?

Sim. A história me comoveu.

Você indicaria o livro? A quem? Por quê?

Sim para meus amigos, para desenvolver a sensibilidade.

Você assistiu a novela *O meu pé de laranja lima*? O que achou?

Não

A leitura do livro a(o) incentivou a assistir a novela? Ou o contrário?

Não

Já o leu em sala de aula, ou utilizou algum trecho do livro com alguma finalidade educativa ou simplesmente para leitura? Por quê?

Não.

Já viu excerto em livro didático, e por isso o leu e conhece?

Não.

Algo mais que não foi perguntado, mas considera importante relatar em sua experiência com *O meu pé de laranja lima*?

Sufrimento e pobreza são marcantes nessa história.

Sua contribuição a essa pesquisa é muito importante, agradeço a disposição!

10.11. Entrevistada: A

Atuação: Bibliotecária da biblioteca municipal de Campinas

Você já leu o livro *O meu pé de laranja lima*? Quando?

Já a muito tempo. Tenho o livro em casa.

Por que o leu? Se alguém o indicou, o que disse do livro para você?

Li por causa da escola, mas gostei muito... essa história da pobreza, os sentimentos do Mesmo (Zezé) com relação ao mundo adulto... me emocionaram.

Gostou do livro? Por quê?

Sim. Me identificava com os sentimentos do personagem em sua aprendizagem do mundo.

Você indicaria o livro? A quem? Por quê?

Sim a todos. Acredito que a escola é um importante divulgador das leituras, mas estas devem ser momentos prazerosos e de descoberta de leitores, não para avaliação. Normalmente os leitores aparecem aqui com listinha da escola. Isso pode ser bom se trabalhar o prazer pela leitura.

Você assistiu a novela *O meu pé de laranja lima*? O que achou?

Não. Soube da novela, mas nunca tive hábito em assistir TV.

A leitura do livro a(o) incentivou a assistir a novela? Ou o contrário?

Não

Já o leu em sala de aula, ou utilizou algum trecho do livro com alguma finalidade educativa ou simplesmente para leitura? Por quê?

Não.

Já viu excerto em livro didático, e por isso o leu e conhece?

Não

Algo mais que não foi perguntado, mas considera importante relatar em sua experiência com *O meu pé de laranja lima*?

Como bibliotecária nunca indiquei este livro. É complicado. Geralmente a pessoa já vem com o tema ou o autor que quer ler e mostramos o que tem... não costumo sugerir outros livros.

10.12. Entrevistada: F

Atuação: Vendedora de livros

Você já leu o livro *O meu pé de laranja lima*? Quando?

Sim, adorei. A muitos anos atrás.

Por que o leu? Se alguém o indicou, o que disse do livro para você?

Sempre li muito por interesse, por indicações. É difícil lembrar-me ao certo sobre todas as leituras.

Gostou do livro? Por quê?

Muito. É uma história verdadeira, cheia de sentimentos, vida, aprendizado. Possibilita identidade, é um texto bem escrito.

Você indicaria o livro? A quem? Por quê?

Indico a muitas pessoas que procuram presente, uma leitura por prazer... Sou muito criteriosa no meu trabalho, recuso-me a vender alguns livros, por exemplo "Do veneno do escorpião", Bruna Sofistina, renovo sempre o olhar a livros que não devem ser esquecidos.

Você assistiu a novela *O meu pé de laranja lima*? O que achou?

Não assisto TV.

A leitura do livro a(o) incentivou a assistir a novela? Ou o contrário?

Não

Já o leu em sala de aula, ou utilizou algum trecho do livro com alguma finalidade educativa ou simplesmente para leitura? Por quê?

Não.

Já viu excerto em livro didático, e por isso o leu e conhece?

Não

Algo mais que não foi perguntado, mas considera importante relatar em sua experiência com *O meu pé de laranja lima*?

As pessoas sempre procuram este livro, não é mais o best-seller, mas sempre o tenho nas prateleiras, hoje por exemplo, teria que fazer um novo pedido, pois está esgotado.

Eu acredito que os jovens deveriam ler estes livros que resgatam valores, etapas da vida, descobertas de sentimentos e relacionamentos.

Muitos vêm às prateleiras em busca do mais novo e mais vendido, normalmente não é muito real. Textos que na maioria das vezes contribuem pouco à personalidade e intelectualidade. Sou a favor quando a escola exige leituras deste tipo, claro que sem as exigências escolares... (risos)

Sua contribuição a essa pesquisa é muito importante, agradeço a disposição!

10.13. Obs. Conversa informal. A escrita não é literal transcrição da fala.

Entrevistada: **B**

Função: Bibliotecária de biblioteca municipal de Campinas (bairro)

A biblioteca estava em reforma por isso desativada. Pedi para conversar com a bibliotecária e ela foi muito gentil. Perguntei de início se havia o livro na biblioteca. Ela respondeu que sim. No momento apenas um, mas a biblioteca tem três exemplares. Ficamos entre as prateleiras dos livros.

Perguntei se havia lido *O meu pé de laranja lima*

B- Já li sim.

Eu- Ele é procurado?

B- Faz um tempo que não o empresto, porque a biblioteca está interditada a 4 meses e porque ele sai muito quando as escolas pedem.

Eu- Você costuma indicá-lo?

B- Eu indico. Não é sempre, nem para qualquer pessoa, MAS INDICO.

Eu- Mas que critério usa para indicá-lo? As pessoas pedem bastante sugestão?

B- Olha... muita gente vem aqui pedir sugestão de leituras...

Eu- Talvez por ser bairro residencial?

B- Acredito que influencia bastante ...as mães vem com os filhos e dizem: "Meu filho não gosta de ler, o que eu faço?". Aí eu tenho que começar lá nos gibis, COLEÇÃO VAGALUME, para depois chegar nestes livros (aponta livros na prateleira: clássicos brasileiros).

Às vezes vem um adulto que já diz: “Nunca li, o que você me indica?” e eu pergunto: “O que você prefere: literatura brasileira, mundial...”, o adulto: “Qualquer coisa...”. Para estes casos indico livros que são muito lidos, de histórias... para distração...

Eu- Mas você acha *O meu pé de laranja lima* difícil? Pouco interessante para estas pessoas, por exemplo?

B- Não, eu indico às vezes, como um clássico da literatura brasileira. Para pessoas que gostam de ler e vão usar disso não só para distração, mas também por ler um livro conhecido...

Eu- Você percebe então que a maior pedida é pela escola?

B- Sim, acho que os adultos que leram e assistiram a novela, pedem bastante.

Eu- Sabe que eu trabalho com crianças e penso às vezes que é interessante o professor sugerir leituras aos alunos, para não procurarem apenas o que já conhecem...

B- É interessante sim, o problema está na leitura não fazer o menor sentido para a criança... o principal eu acho é ser leitor, ter paixão pela leitura. Isso faz os alunos gostarem de ler e fica mais fácil conversar com eles sobre livros... fica até mais fácil fazer sugestões...

Eu- Você leu *O meu pé de laranja lima* para a escola?

B- Não, eu não me lembro ao certo, mas acredito que li por minha procura mesmo. Sempre adorei livros, sou uma devoradora de histórias por apixão. Tenho paixão pela leitura, por isso mesmo que fiz biblioteconomia e vim trabalhar em biblioteca, que é minha realização. É um prazer orientar novos leitores e vê-los gostar dos livros...

Eu- Você disse que indica *O meu pé de laranja lima* porque é um clássico. Um bom texto você acha?

B- Sim, claro que vejo que este livro teve hoje e ainda é aceito, por causa do tal prêmio Best-seller, mas quando lembramos, por exemplo, Paulo Coelho e O pequeno Príncipe – que inclusive todo mundo leu por causa da escola – percebemos que um bom texto tem que ser caracterizado por outros critérios...